Escola é

Paulo Freire

A escola é
... o lugar que se faz amigos.
Não se trata só de prédios, salas, quadros,
Programas, horários, conceitos...
Escola é sobretudo, gente
Gente que trabalha, que estuda
Que se alegra, se conhece, se estima.
O Diretor é gente,
O coordenador é gente,
O professor é gente,
O aluno é gente,
Cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
Na medida em que cada um se comporte
Como colega, amigo, irmão.
Nada de "ilha cercada de gente por todos os lados"
Nada de conviver com as pessoas e depois,
Descobrir que não tem amizade a ninguém.
Nada de ser como tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade, é criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se "amarrar nela"!
Ora é lógico...
Numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer,
Fazer amigos, educar-se, ser feliz.
É por aqui que podemos começar a melhorar o mundo.

2016

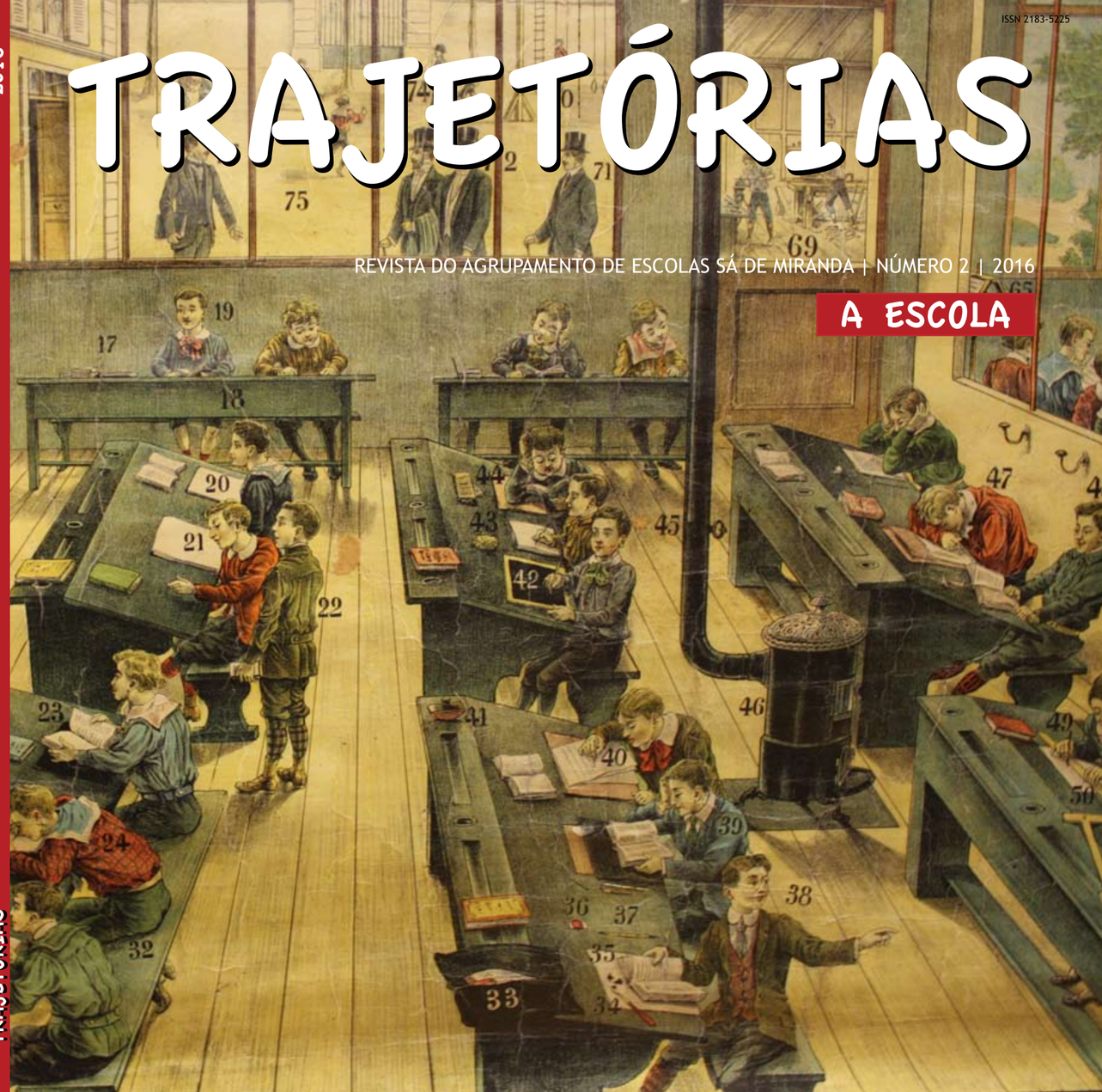
TRAJETÓRIAS

ISSN 2183-5225

TRAJETÓRIAS

REVISTA DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS SÁ DE MIRANDA | NÚMERO 2 | 2016

A ESCOLA



ÍNDICE

NOTAS DE ABERTURA ---------- 3
ENCONTROS E REENCONTROS - AS HISTÓRIAS ---------- 7
AS NOSSAS ESCOLAS ---------- 45
COMO SENTIMOS A ESCOLA ---------- 57
A ESCOLA DO FUTURO ---------- 95
ATIVIDADES NA ESCOLA ---------- CD ANEXO

FICHA TÉCNICA

Edição e Propriedade
Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

Direção
Antonieta Silva

Coordenação
Cândida Batista; Carlos Roncon;
Cristina Alcoforado; Elisa Carvalho;
Fernanda Carvalhal; Helena Castro; Joana Lopes;
Rosa Fernandes; Susana Leite.

Conceção gráfica
Luís Cristóvam

Apoio técnico
João Dias e Luís Ferreira

Capa
A partir de fotografia de Neno do mapa *Tableaux Auxiliaires Delmas – pour l'enseignement pratique des langues vivants,* G. Delmas, éditeur, Bordeaux (France)

Tiragem
250 exemplares

Execução Gráfica
Minhografe

Data
Abril de 2016

ISSN
2183-5225

Depósito legal
391562/15

NOTA DE ABERTURA

Antonieta Silva *

Trajetórias é o nome que se fixou em definitivo à revista de periodicidade anual do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda. *Trajetórias* aponta para diferentes caminhos indo de encontro à perspetiva de pluralidade presente no projeto educativo deste Agrupamento, que vai agora no seu terceiro ano de existência. Esta revista foi criada com o intuito de se fazer fomentar na comunidade educativa a reflexão e a produção de trabalhos em torno de um tema específico, diferente de ano para ano. Nela são convidados a participar alunos de todos os níveis e ciclos de ensino, professores e outros convidados da nossa comunidade educativa, nomeadamente ex-alunos, ex-professores e investigadores.

O tema da *Trajetórias* deste ano é "ESCOLA - ENCONTROS E REENCONTROS" porque 2016 é marcado pelo início das comemorações dos 180 anos de existência da Escola Sá de Miranda. Tempo longo de uma Escola, onde as histórias de vida de muitos se cruzam com ela.

Os tempos de escola marcam de forma indelével a vida de cada um de nós. Foi onde aprendemos as primeiras letras, onde começamos a alargar os horizontes do conhecimento, onde construímos amizades que perduram, onde conhecemos pessoas de referência (professores) da nossa vida e de onde muitos partiram para outros percursos de vida.

Para muitas crianças e jovens a escola é ainda o tempo presente. Porque lá estudam e aprendem, lá desenvolvem o espírito crítico, a criatividade, a autonomia, o sentido de responsabilidade, brincam e riem, apanham os primeiros desgostos. Para alguns, professores e funcionários, a escola é ainda o local onde desenvolvem a sua vida profissional ajudando outros, tal como lhe fizeram a si no passado, a crescer e a desenvolver as suas capacidades.

A escola é, pois, um espaço social importante onde se constrói um pouco ou muito da história da vida de cada um. É com alguns destes registos, memórias do passado ou do presente, que se produziu esta revista.

Uma palavra de agradecimento a todos os que aceitaram o desafio de produzir os textos e os trabalhos que aqui se reproduzem. Uma palavra de reconhecimento também pelo trabalho desenvolvido pela equipa responsável pela produção deste segundo número da revista *Trajetórias* do Agrupamento de Escolas Sá de Miranda.

* Diretora do
Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

NOTA DE ABERTURA

A Equipa Coordenadora

A Equipa

Reuniu.

Conversou.

Partilhou.

Cooperou.

Ouviu.

E, por fim,

Deliberou que o subtítulo da Revista seria *A Escola – Encontros e Reencontros*.

Vamos tentar comunicar-vos o que nos moveu e motivou na escolha deste tema.

Os nossos alunos são a essência. Aquilo que pretendemos é que a nossa Escola seja um lugar de afetos, de construção de saberes e pessoalidades, desenvolvendo competências várias para que os nossos jovens tenham ferramentas e capacidades para enfrentar a vida pessoal, social e profissional.

Num conto memorável "Retrato de Mónica", Sophia de Mello Breyner Andresen diz que Mónica, a personagem principal do conto, para "conquistar todo o sucesso e todos os gloriosos bens que possui, teve de renunciar a três coisas: à poesia, ao amor e à santidade". Ora, para construirmos, continuamente, a nossa Escola teremos que nos inspirar na poesia, no amor e na bondade, porque sendo a nossa "matéria-prima" o Humano e a Humanidade Humanizante queremos construir um império espiritual tal como preconizou Fernando Pessoa e "É a Hora!" Neste sentido, Luther King afirmava que a inteligência e o caráter eram o objetivo da verdadeira educação. Paulo Freire, por sua vez, reforça essa mesma ideia com "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".

Construamos, pois, todos os dias uma Escola de todos e para todos e inspiremo-nos no nosso maior bem, nos nossos alunos:

Na sua energia;

No seu trabalho;

No seu sorriso;

Na sua alegria;

Na sua bondade;

Na sua vontade;

Na sua joavialiadade;

Nos seus esforços.

Queremos fazer todos os dias uma Escola Melhor por eles, para eles, connosco, para isso nada melhor do que dedicar a revista ao tema – Encontros e Reencontros na Escola. Nelson Mandela afirmava que a educação era a arma mais poderosa que se poderia usar para mudar o mundo, e nós acreditamos que assim é.

Este ano, 2016, a Escola Sá de Miranda comemora 180 anos de existência. Hoje, somos um todo mais abrangente, mais totalizante, somos o Agrupamento de Escolas Sá de Miranda.

A NOSSA CAPA

A Equipa Coordenadora

Integra a riqueza do espólio da Escola Sá de Miranda a coleção de mapas DELMAS, em língua francesa, representando a Escola: "L´Ecole – Le Lycée – La classe"; o Recreio "La Récréation – Les Jeux"; a Casa "La Maison intérieur – Les meubles"…
Tendo em conta a temática escolhida para a revista Trajetórias do presente ano letivo, pareceu-nos oportuno escolher o mapa nº 1 para a capa, uma vez que representa uma sala de aula. Estes mapas de línguas vinham acompanhados por livros que tinham a legenda correspondente aos números assinalados no mapa.

ENCONTROS E REENCONTROS - AS HISTÓRIAS

FOTO DE ROBERT DOISNEAU

BRAGA — Collegio do Espirito Santo
O edificio visto do poente

O Liceu Sá de Miranda referido na literatura

Anabela Fernandes e Cândida Batista *

MARIA ONDINA BRAGA

«(…) Rua de doidos a do liceu. De doidas. A carvoeiro enfarruscada e maltrapilha que enxotava os estudantes à vassourada. A D. Corina, de chapéu e luvas. D. Corina cortava os fios à luz elétrica presos à parede onde Morava na Rua de Santa Margarida.

E despejava água suja sobre os passantes. Daí a polícia, de vez em quando, ir buscá-la para o calabouço, no meio de pragas e impropérios.

(…) O único liceu, então, e que lá continua, na Rua de São Vicente, quem vai para o cemitério. Sá de Miranda o seu nome. E a sala da minha turma, uma de janela equívoca, porque de esquina. Casa de esquina, reza o ditado assombração ou ruína…(…)

Se fôssemos à doçaria de São Vicente?

Fomos. Ao balcão, duas senhoras de cabelos brancos e traje preto. Antigas criadas de freiras que, tendo herdado as receitas conventuais, as mercadejavam. Cheia, a loja.

(…)Todos os sábados, ao fim das aulas, conferências para os alunos no teatro do liceu. (...) Tema de conferência daquele sábado, a China. Contra o costume, nenhum dos professores ou alunos adiantados, mas um desconhecido.(...)» (in *Vidas Vencidas*)

JOAQUIM PEREIRA CALDAS

«É o distrito de Braga o mais meridional dos dois governos-civis «o de Braga e o de Viana do Castelo», em que se acha dividida – administrativamente – a actual provincia do Minho; (a qual tem 14 léguas de comprido e 12 de largo no máximo). (…)

O clima do distrito em geral é agradável e salubérrimo. (…)

O carácter genérico dos habitantes do distrito é alegre, franco, industrioso e laborioso, e muito patriarcal ainda nas inocentes habitações do campo; com notável polidez e mansidão, (…)

Têm eles, por via de regra, um temperamento misto do nervoso e do chamado bilioso, com intermediações do sanguíneo (…); e com a fisionomia característica dos povos meridionais e uma estatura proporcionada. – Às vezes aparecem homens, que são verdadeiros e perfeitos atletas; e algumas moças do campo, com a mais linda carnadura e as formas mais esbeltas. (…)

A indústria é pouco desenvolvida em geral. – Há todavia no distrito muitas fábricas de curtumes, calçado, tecidos, chapelarias, ferragens, doce mimoso, papel, fiação de algodão, olarias e outros variados objectos. (…)» (in *Apontamentos gerais sobre os mais notáveis objectos que podem atrair as atenções de SS. MM. FF., na sua viagem pelo distrito de Braga em 1852*)

"Braga Pitoresca ou a verdadeira Cyntra do Norte"

Pereira Caldas, lente de Matemática do Liceu Nacional de Braga – 1857

EÇA DE QUEIRÓS

«Jacinto estendera o braço:

- Que casarão é aquele, além no outeiro, com a torre?

Eu não sabia. Algum solar de fidalgotes do Douro…Tormes era nesse feitio atarracado e maciço. Casa de séculos e para séculos – mas sem torre.

- E logo se vê, da estação, Tormes?...

- Não! Muito no alto, numa prega da serra, entre arvoredo. (…)

- Que doçura, que paz…

- Três horas e meia, estamos a chegar, Jacinto!

Guardei o meu velho "Jornal do Comércio" dentro do bolso do paletó, que deitei sobre o braço; - e ambos em pé, às janelas, esperámos com alvoroço a pequenina estação de Tormes, termo ditoso das nossas provações. Ela apareceu, enfim, clara e simples, à beira do rio, entre rochas, com os seus vistosos girassóis enchendo um jardinzinho breve, as duas altas figueiras assombreando o pátio, e por trás a serra coberta de velho e denso arvoredo… Logo na plataforma avistei com gosto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. (…)» (in *A Cidade e as Serras*)

CAMILO CASTELO BRANCO

«Ainda me lembro de V. Exc.ª, quando rapazola estudava rhetorica em Braga. Está certo de ser agarrado pelo regedor, quando foi às Ursulinas atacar as freiras? Pois fui eu quem, a pedido de sua mãe, lhe vali no processo instaurado.» (in *Amor de Salvação*)

AZEVEDO COUTINHO

«Lyceu Nacional Central, no campo de Sant' Anna – Está installado este Lyceu no antigo Convento dos Congregados. Foi estabelecido seguidamente ao decreto de 20 de Setembro de 1844, que creou estes estabelecimentos de instrucção. Pela ultima reforma de intrucção secundaria, foi elevado a lyceu central, tendo os cursos correspondentes a esta categoria de lyceus.» (In *Guia do Viajante em Braga*, 1905)

L. VAZ DE FREITAS

«Bibliotheca. A Bibliotheca Publica, estabelecida no convento dos Congregados, é composta de uns 12:000 volumes, e contém obras rarissimas.

Entre as livrarias particulares torna-se digna de menção a do snr. dr. Pereira Caldas. Esta livraria é selecta e uma das melhores do reino.» (In *Braga em 1875*)

RAFAEL BORDALO PINHEIRO

«Rafael Bordalo Pinheiro traça uma caricatura elogiosa representado o Dr. Pereira Caldas em 5 de Junho de 1884, em que o apelida de "cavalheiro amabilissimo, professor muito distincto e senhor d'uma das mais notaveis livrarias.» (Lopes, Maria Virgílio Cambraia, *Crónicas bracarenses de Rafael Bordalo Pinheiro*, Fundação Bracara Augusta, Braga, 2009)

CAMILO CASTELO BRANCO

«Os jesuítas de Braga, no começo do século XVIII, monopolisando o ensino, fizeram intimar os Congregados e os mestres particulares para que fechassem as aulas. Os mestres e os estudantes, que excediam a dois mil, insurgiram-se em assuada contra a Companhia. Os padres que, na phrase do snr. Oliveira Martins, mantinham, reputação de santidade, fizeram agarrar santamente os principaes estudantes cabeças do motim, e enviaram-os aos carceres de Lisboa. O povo de Braga quiz levantar-se em peso contra os jesuitas; mas, diz o snr. Castiço, condimentando o caso, preferiu fazer preces na Sé á Senhora do Livramento. As quaes preces deram de si, como era de esperar, o livramento dos rapazes, sob clausula de que pagariam aos jesuitas multas tamanhas que deram dinheiro em barda para estragar as pedreiras d'onde sahiram as estatuas que lá estão nos Escadorios dos cinco sentidos. Qual não seria a ternura d'aquelles dois mil estudantes pela Companhia de Jesus! Parece-me que os dois mil rapazes, os paes, e mais a plebe de Braga (!), assanhados contra os jesuitas, seriam tudo quanto ha de peior no mappa-mundi, menos paraguayos.» (In *Bohemia do Espirito*)

* Compilação de textos recolhidos pelas autoras extraídos do *Roteiro Braga Literária*, da sua autoria

DESPEDIDA

Cândido Eiras*

Braga amada dos meus lindos sonhos!
Teus encantos em breve deixamos,
Adeus dias formosos, risonhos
Qu`em teu seio feliz nós passamos!

Adeus Braga, princeza de amor!
Nossos peitos ardentes, saudosos
Sentirão tristes arpas da dor
A chorar os logar`s tam ditosos.

Já cessaram as tardes amadas
Que vivemos em paz festival
Entre coros de ninfas e fadas
Na cidade d`afecto eternal.

Somos almas sinceras, amantes;
Mas ao irmos p`ra terra afastada,
Nós levamos saudades constantes
Dos enlevos da Braga adorada.

Albergai a lembrança, senhoras!
Dêste adeus que é sincero, mas triste,
Qu`a nossa alma em visões sonhadoras
Em amarvos p`ra sempre persiste.

Ó Senhora do Monte Sameiro,
Bom Jesús, São João e Enfias!
Chorai vós ao adeus derradeiro,
Recordai nossas capas sombrias!

*Aluno do curso de 7ª classe (O Lvsíada, Revista académica, órgão da Caixa Escolar do Liceu Central de Sá de Miranda, Número 21, Número especial do S. João, Braga, Junho de 1915)

ACREDITA

Adelaide da Graça Pereira

Vai sem medo.
Mesmo que o caminho seja incerto,
Mesmo que passado e presente te prendam no cais,
Num soletrar de esperança, vai!

No caminhar, no aprender, tudo acontece.
Mesmo que tudo pareça conspirar contra ti,
Vai sem medo!

Acredita que és tu que fazes a história.
Nela, tu és guionista e ator. Vai!
Vai sem medo!

Mesmo que em ti tudo vacile,
Levanta-te e acredita, luta. Vai!
Larga as amarras do teu navio. Vai!

Mesmo que em ti tudo seja dúvida,
Vai, vai sem medo!
Só na liberdade de seres tu mesmo
Serás feliz. Aprendendo, serás melhor.
Vai, vai sem medo!

Mesmo sem a certeza de um porto seguro,
Aventura-te, vai sem medo!
Acredita!

TDK
EGGLESTON
BEIJING 2015

Entrevista a **Filomena Aurora Ribeiro da Costa**

[Atleta Profissional] *

Nota introdutória

Num país com grande tradição na Maratona, Filomena Costa é mais uma atleta a ter em conta no caminho para os próximos Jogos Olímpicos Rio 2016. No seu currículo, na Maratona, conta com a vitória na prova andaluza de Sevilha, em 2015, a que junta outros resultados no top-5 de algumas maratonas internacionais. Procura juntar o seu nome à elite do atletismo nacional com uma presença olímpica no Rio de Janeiro.

* Ex-aluna do
Agrupamento de Escolas Sá de Miranda

1. Começamos por te perguntar como foi a tua passagem pela Escola de Palmeira (Agrupamento de Escolas Sá de Miranda)?

A minha passagem pela Escola de Palmeira foi muito gratificante, enriquecedora, vivi momentos muitos especiais nessa altura. A passagem para o 5º ano foi uma grande mudança, foi uma fase de adaptação à escola, ao ritmo escolar, mas senti-me muito apoiada pela minha irmã mais velha, primas, colegas, professores e funcionários. Foram cinco anos que me fizeram crescer imenso, a nível escolar, pessoal e a nível do atletismo. Foram anos que deixaram muitas saudades por tudo o que lá vivi.

2. Quais são as tuas principais recordações dessa época?

Recordo-me muito do corta-mato escolar, das voltas à escola, das vitórias, da festa que era nesse dia. Sentia-me muito acarinhada.

Penso nas aulas de educação física - a minha disciplina preferida -, tive apenas dois professores, a Prof.ª Manuela Neves (5º e 6ºano) e o Prof. Manuel Macedo, duas pessoas que me marcaram bastante, me proporcionaram muitas alegrias e ensinamentos. Lembro-me de muitos professores com quem tive o prazer de me relacionar, da professora Judite que, apesar de não ter sido minha professora, esteve presente no meu percurso do atletismo e me apoiou muito. Recordo-me do Sr. Bernardo, do Sr. Anselmo e de mais alguns funcionários.

3. Foi por essa altura que se deu também a tua entrada no atletismo. Como aconteceu?

Quando mudei para a Escola de Palmeira em setembro de 1995, também tive outra mudança que foi começar a praticar atletismo no S.C.Braga. A minha irmã Teresa (irmã mais velha) já andava no atletismo e eu, como gostava de correr, fui com ela. No primeiro dia a minha treinadora, Sameiro Araújo, disse-me para dar 5 voltas à pista do Estádio 1º de Maio e desde aí não deixei o atletismo. Também comecei a fazer atletismo na escola e ia às competições do desporto escolar.

4. Quais têm sido as grandes vantagens de praticar atletismo? E as maiores dificuldades?

Adoro o atletismo, a competição, os ótimos momentos que tenho vivido, e, mesmo os momentos menos bons que tenho vivido me fizeram aprender e querer mais. Com o atletismo tenho conhecido muitas cidades, muitas pessoas que fazem parte da minha vida e até mesmo ter conhecido pessoas de outras áreas. O atletismo é uma paixão, fez de mim uma pessoa com mais ambição, determinação, é muito exigente e requer muito trabalho físico e mental, mas faz-me sentir realizada com o que faço. A

maior dificuldade é quando surge alguma lesão ou problema físico, que me impossibilita de treinar nas melhores condições e é uma fase mais desmotivante.

5. Fala-nos de alguns momentos que recordes com emoção.

Tenho vários. A nível pessoal o meu casamento e o nascimento da minha filha. A nível do atletismo os momentos mais marcantes aconteceram no último ano, a vitória na maratona de Sevilha, que será um dia que irei sempre recordar e o meu 12º lugar no Mundial de Pequim.

6. Como se deu a tua entrada no curso de enfermagem?

Sempre quis ser professora de Educação Física, mas na hora de decidir, a minha primeira e segunda opção foi Fisioterapia, mas acabei por ficar com a minha terceira opção, Enfermagem. Hoje sinto que foi o melhor que aconteceu, fiquei por Braga, próxima da minha família e namorado (atualmente marido), fazer atletismo no mesmo local e com a mesma treinadora. Adoro o que faço, aprendi muito e fez-me crescer em várias vertentes.

7. Tem sido fácil conciliar a vida pessoal e profissional com a prática de desporto ao mais alto nível?

Não digo que é fácil, mas quando se quer muito alguma coisa, conseguem-se formas para o alcançar e com ajuda tudo se torna mais fácil. O mais importante e mais difícil é a gestão do tempo, tenho de programar tudo com antecedência e estabelecer prioridades. No trabalho tenho a compreensão dos meus superiores que me ajudam a conciliar, assim como as minhas colegas de trabalho, que quando preciso trocamos horários e assim consigo ir a estágios e às competições que requerem mais dias de ausência. Mas o pilar fundamental para conseguir conciliar tudo é a minha família que me ajuda com a minha filha, ajuda-me nos treinos e sinto-me muito feliz por contar com o apoio deles em algumas competições e é com eles que passo grande parte do meu tempo livre.

8. Quais são as tuas principais metas para o futuro no atletismo?

Tenho um sonho que é estar nos Jogos Olímpicos e, se não for este ano, espero que seja nos próximos. Penso ainda estar no atletismo durante os próximos dez anos e ainda conseguir realizar alguns objetivos.

9. E a nível pessoal, onde te vês no futuro próximo?

A nível pessoal não vejo alterações. Sinto-me realizada, tenho uma família muito unida e feliz, desejava imenso ser mãe e já concretizei esse sonho. Com o nascimento da minha filha sinto que me tornei mais forte, positiva. Desejo ser mãe novamente, mas no final da minha carreira desportiva.

10. O que dirias a um aluno que queira ser atleta profissional?

Primeiro que não se descuide dos estudos, que tudo é possível de se concretizar, mas necessita de muito trabalho individual. Se quer mesmo ser atleta profissional que se dedique, tenha confiança nas suas qualidades, se motive para querer mais pois com treino e trabalho conseguimos concretizar alguns sonhos que estão presentes no nosso dia-a-dia. Acima de tudo temos que ser nós, manter a nossa humildade, saber ser e estar.

11. Queres deixar alguma mensagem para os que hoje frequentam a tua antiga escola?

Que aproveitem todos os momentos da melhor forma, para que um dia recordemos esses momentos com muita felicidade.

FOTO DE ROBERT DOISNEAU

A juventude é um processo de descoberta

Raquel Nair *

Quando somos jovens, temos todo o tempo do mundo pela frente e sonhamos em ser os melhores naquilo que mais gostamos de fazer. A passagem imparável do tempo vai-nos ensinando que a vida nos coloca constantemente diversos obstáculos pelo caminho, que nos desincentivam e nos desencorajam. Durante o nosso processo de crescimento, se não formos devidamente aconselhados e acompanhados, podemos ter a tendência de seguir caminhos que nos desviam dos objetivos, do que deve ser o percurso que garante a nossa felicidade e que nos permite ser cidadãos com uma intervenção positiva e construtiva na sociedade.

É um período que nos molda a personalidade e onde, por vezes, os jovens se sentem frágeis e indecisos, incompreendidos e sozinhos, com as escolhas dos amigos de que se rodeiam a tornar-se fundamental. Posso revelar que a minha experiência pessoal durante a adolescência foi conturbada e repleta de altos e baixos. Admito que nem sempre fiz as melhores escolhas. Cometi erros atrás de erros. E ao longo de todo esse tempo, a paixão pelo desporto, em especial pelo voleibol, foi essencial para que seguisse o meu caminho sem me desviar dos objetivos. O que sou, devo-o à Escola Sá de Miranda, que nunca desistiu de me apoiar. Enquanto jovem, era um orgulho enorme representar a Escola nas competições desportivas. Ainda sinto que trago vestido o magnífico fato de treino preto com o meu nome inscrito, ainda oiço os cânticos da massa estudantil ("Sá de Miranda a jogar voleibol / não tem medo de sujar a camisola / camisola e os calcões / Sá de Miranda são os grandes campeões") a vibrar e a puxar ininterruptamente pela equipa no Pavilhão. Eram momentos mágicos e únicos que davam sentido à nossa vida. A magnitude do Sá de Miranda só é passível de ser entendida por quem por lá passou, é um local que nos deslumbra, que nunca se esquece e que nunca mais queremos largar. O orgulho que sinto em dizer que estudei no Sá de Miranda é algo de inigualável.

Tal como o desporto, as artes são um instrumento fundamental para fomentar a inclusão dos jovens e potenciar mudanças positivas no seu pensamento, capacitando-os com ferramentas que serão extremente úteis no seu percurso pessoal

* Diretora executiva da Fundação Brácara Augusta

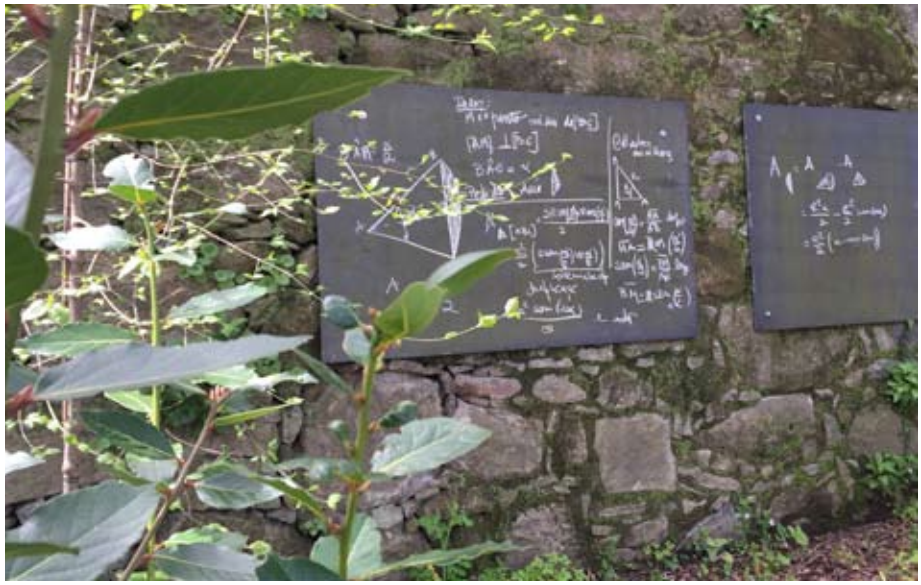
e profissional. A cultura é a melhor arma que podemos dar às novas gerações para que tenham capacidade para enfrentar os desafios que se lhes colocam. Na Fundação Bracara Augusta pretendemos desempenhar, através das artes, o mesmo papel que a equipa de voleibol teve na minha vida e dos meus colegas. O espetáculo Flux, desenvolvido em parceria com o Agrupamento de Escolas Sá de Miranda e apresentado no *gnration*, é a prova viva do inestimável poder das artes nos jovens, da excelência da utilização de processos artísticos para atingir uma finalidade social e humana. Desenvolvido por turmas do Ensino Vocacional que denotam problemas de integração e de aprendizagem, foi inspirador observar a capacidade criativa dos jovens quando devidamente orientada para as artes. As incansáveis palmas com que os alunos foram brindados pelo público é o melhor tónico para elevar a sua auto-estima, fazendo-os acreditar nas suas capacidades e colocando-os em contacto com realidades artísticas que desconheciam. Acreditamos que o Flux foi um ponto de viragem para estes jovens, um momento que recordarão como definidor para o seu percurso.

Passados todos estes anos, sempre que regresso aos corredores e às salas de aula do Sá de Miranda embarco numa agradável viagem no tempo que me deixa saudosista de um período impar que não se repete, mas que deixou marcas para o resto da minha vida. Resta-me aproveitar a oportunidade para agradecer profundamente, do fundo do coração, aos magníficos professores que acompanharam o meu percurso e que nunca desistiram de mim, dos meus colegas de turma e da equipa, mesmo quando os problemas se acumulavam e o mais fácil seria resignarem-se perante os acontecimentos. Sem vocês, sem a vossa dedicação e extremo profissionalismo, certamente não seria a pessoa que sou hoje. A todos vocês, o meu muito, obrigada. Estou certa de que, se nos voltarmos a encontrar, ficarão orgulhosos de mim e do meu percurso.

Sá de Miranda: um turbilhão de sensações

Marta Marques *

Na lágrima da saudade refugiam-se memórias: de tempos conturbados, que não o eram; de períodos exaustivos, que não o eram; de alturas frustrantes, que não o eram; enfim, de momentos excecionalmente felizes, enriquecedores e queridos, como sempre foram e como sempre serão recordados. Nos corredores do Sá de Miranda escondo-me eu: em quem me tornei e quem agora sou. Porque melhor educação não podia ter tido. E é essa certeza e são essas recordações que levo comigo. As horas a vaguear pelos cantos, acompanhada de boas conversas. As horas no bar, com boas brincadeiras e bons lanches. As horas na escadaria, recheadas de boas preocupações. As horas passadas inevitavelmente nas aulas e inevitavelmente gastas (leia-se investidas, porque do que se fala é, afinal, de um importantíssimo investimento) na treta com o amigo do lado. As horas a ouvir atentamente o professor, a aprender, a beber o conhecimento por se saber que, além de este ser necessário, se lhe tem gosto e que só se quer saber mais. As horas a fio despendidas a criar e aprofundar essas grandes amizades, que tanto carinho suscitarão quando, um dia mais tarde, esses amigos de sempre iniciarem uma frase com um nostálgico "nos tempos do nosso secundário…".



O Sá de Miranda é um turbilhão de sensações inesgotáveis. É espontaneidade – é chegar um dia e dizer "hoje a aula de Matemática é na quinta!". É música – é navegar pelo 3.º piso e ouvir vozes a cantar alegremente no sótão. É surpresa – é receber aquela boa nota que não se contava, ou a má que acaba por ensinar mais que a anterior. No Sá de Miranda aprende-se, muito e bem, mas faz-se tão mais que isso. Cresce-se, prepara-se o início das nossas vidas. Nas palavras de Vergílio Ferreira, é "onde podemos achar-nos Homens".

* Economista. Aluna de 2009 a 2012.

O Sá de Miranda marca as pessoas que por ele passam.

Sofia Pinto Novais de Morais *

É comum encontrar um antigo colega e, no meio da troca habitual de formalidades, o "Como estás?" e o "O que tens feito?", acaba sempre por haver um momento na conversa em que alguém diz "Quem me dera voltar aos tempos do Sá!".

Nesses momentos o silêncio cai, mas não por tristeza - pensar no Sá é sorrir.

O Sá de Miranda é, realmente, uma escola cheia de encanto. Os tetos altos, as escadas de madeira, a biblioteca, os azulejos, o teatro e as tílias (não podia deixar de falar nas tílias).

Havia dias em que o autocarro chegava mais cedo do que o habitual e tinha oportunidade de ir visitar as tílias antes da primeira aula da manhã. Era o começo de dia perfeito, principalmente no Outono, em que, frondosas e douradas, coloriam o chão do pátio.

Apesar de visualmente agradável, um estabelecimento de ensino não se resume a uma estrutura acolhedora. As escolas são feitas de pessoas. Assim, talvez devesse falar dos seus longos corredores, do ambiente misterioso de um local cheio de história; ou simplesmente cingir-me aos alicerces de qualquer estabelecimento de ensino e referir os docentes, os melhores que já tive.

Lembro-me do meu primeiro dia de aulas, em que fui investigando, lentamente, toda a escola. Recordo-me de que adorei imediatamente as salas, grandes ou pequenas, nos seus tetos altos, contando com a boa iluminação das grandes janelas.

Ainda sorrio com o fatídico intervalo de quinze minutos! Tinha de encontrar uma sala e percorri todos os pisos, escolhendo umas escadas de madeira que tanto me fascinavam. Foi na minha busca pela sala que descobri o que viria a tornar-se um dos meus locais favoritos, a biblioteca.

O acesso, feito por um corredor de portas envidraçadas, cedo dava a conhecer duas partes: uma moderna, com tudo o que seria de esperar de uma biblioteca, e uma antiga (que foi inteiramente nova para mim).

Toda de madeira e com umas pequenas escadas que permitiam o acesso a um segundo piso, a parte antiga da biblioteca é toda cheia de personalidade, toda ela forrada de livros.

Tanto a minha mãe como os meus dois tios andaram no Sá de Miranda. Foi muito bom ter oportunidade de ouvir a minha mãe falar do Sá e comparar com ela os nossos locais prediletos: a biblioteca, os jardins e o pátio das tílias.

Mas é provavelmente com a minha avó que tenho mais gosto em falar do Liceu Sá de Miranda, principalmente quando ela recorda tempos em que o Liceu era somente feminino, narrando as peripécias de quando passou a ser misto, "os rapazes de um lado, as meninas do outro".

Gostava, também, das actividades que íamos fazendo com os professores, ou por seu estímulo, como os concursos de escrita e as aulas de Ilustração Científica.

As memórias conjuntas que ficam contam muitas histórias, todas elas diferentes, contudo iguais na sua essência, a amizade com o "grupinho da turma ao lado" e a empatia com os docentes.

Tenho de me declarar culpada, eu adorava aquilo. Gostava dos professores, dos funcionários, do ar antigo da escola, da biblioteca, dos corredores compridos e altos, dos granitos, das madeiras, dos azulejos,

do pátio, do teatro, das tílias.

Gostava mesmo de saber explicar, convenientemente, como foi andar no Sá de Miranda mas quando mais me debato sobre o assunto mais concluo, só sabe quem por lá passou.

Eis então que alguém disse: "Que bom que era voltar aos tempos do Sá."

* Geóloga. Aluna de 2006 a 2007.

Estudei no Sá de Miranda

Bruno Magalhães *

Estudei durante três anos no liceu Sá na Miranda, no ramo Científico-Natural especializado em Informática. Já não existe tal vertente, mas as memórias ficaram. Lembro-me do primeiro dia, da tensão, bastantes alunos eram acompanhados pelos pais até ao entrar da sala de aula. Na altura, o edifício do "SaMi" (como era chamado) ainda tinha bastantes semelhanças com as funções de convento, hospital, morgue e quartel que tinha servido outrora. Nada se assemelha ao atual edifício moderno e colorido com que deparei na minha última visita.

Tudo isso era irrelevante na verdade. O que realmente valia eram os colegas sempre disponíveis para apoiar, ajudar, ou alinhar numa boa partida de futebol, bilhar, uma ida ao rio, etc. O tempo voou e num piscar de olhos estávamos todos já de partida, e a organizar a viagem de fim de liceu a Portimão.

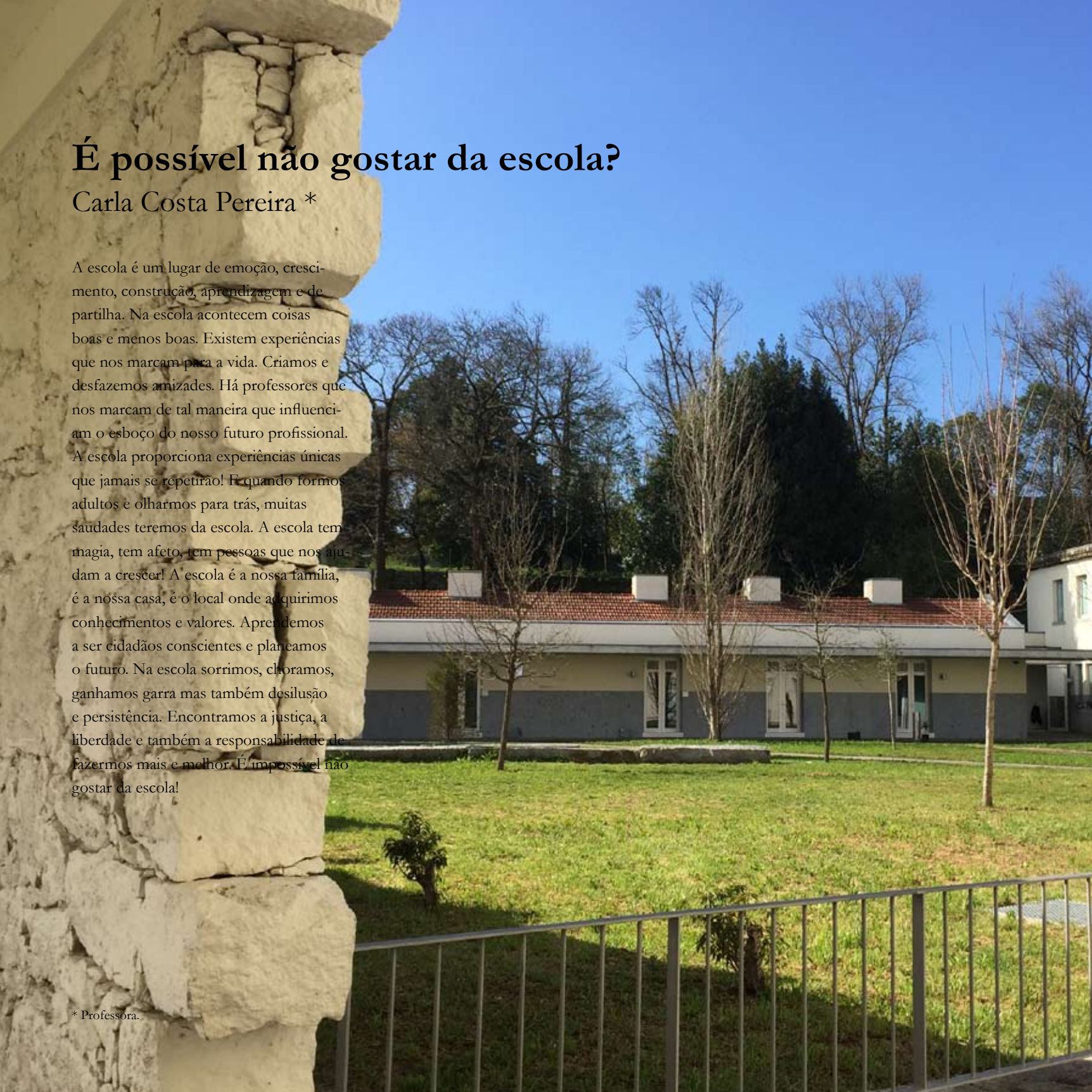
Curioso como apenas alguns seguiram informática após terminar o liceu, outros optaram por restauração, engenharia electrotécnica, engenharia civil, forças de segurança pública, treinador de futebol, mecânico, piloto de rally, etc. Da minha parte, continuei fiel ao meu ensino e segui Licenciatura de Sistemas e Informática (LESI, o curso de 5 anos do regime pré-Bolonha), com intercâmbio na Eslovénia, fiz o mestrado em Londres, e agora estou a fazer o doutoramento em neurociências na EPFL (em português Instituto Federal de Tecnologia em Lausanne, na Suiça). Pelo caminho trabalhei pelos quatro cantos do mundo. Para terminar: frequentar o Sá de Miranda teve influência no meu percurso académico? Claro que sim. As vivências dos tempos de liceu moldaram a minha personalidade e valores pessoais. Os três anos que passamos juntos continuam fortes na memória de todos os ex-colegas, agora amigos. Após 13 anos, seguimos todos por caminhos diferentes, mas mantemos contacto e o nosso jantar anual de Natal é um ritual sagrado e com forte comparência (em anexo o jantar de 2004 e 2014).

* Cientista no *Human Brain Project*.
Aluno de setembro 1998 e julho 2002.

É possível não gostar da escola?

Carla Costa Pereira *

A escola é um lugar de emoção, crescimento, construção, aprendizagem e de partilha. Na escola acontecem coisas boas e menos boas. Existem experiências que nos marcam para a vida. Criamos e desfazemos amizades. Há professores que nos marcam de tal maneira que influenciam o esboço do nosso futuro profissional. A escola proporciona experiências únicas que jamais se repetirão! E quando formos adultos e olharmos para trás, muitas saudades teremos da escola. A escola tem magia, tem afeto, tem pessoas que nos ajudam a crescer! A escola é a nossa família, é a nossa casa, é o local onde adquirimos conhecimentos e valores. Aprendemos a ser cidadãos conscientes e planeamos o futuro. Na escola sorrimos, choramos, ganhamos garra mas também desilusão e persistência. Encontramos a justiça, a liberdade e também a responsabilidade de fazermos mais e melhor. É impossível não gostar da escola!



* Professora.

Desenho em quadro de lousa (1917)
Escola de Emerson
Oklahoma

(Re)pensar a Escola e a educação em artes.

Pontos de encontro para práticas educativas em artes visuais

Susana Leite *

Na sociedade em que vivemos fortemente marcada pelas tecnologias, presentes em quase todas as nossas ações quotidianas, não podem as escolas, nem os professores, ficar alheios a esta realidade. Daí que se impõem mudanças na forma de ensinar e aprender.

Ao longo dos tempos têm-se verificado muitas mudanças. A sociedade em que vivemos atualmente aposta numa geração marcada pelo conhecimento, pela informação, e encontra-se profundamente ligada às novas tecnologias. Elas estão presentes em quase todas as nossas ações quotidianas, dando um novo sentido à forma como encaramos a vida, principalmente para as gerações que nasceram no seio desta mudança.

A escola, como parte desta sociedade, não pode ficar alheia a esta realidade. Acompanhando esta transformação que se opera na nossa sociedade, também as metodologias, teorias de ensino-aprendizagem e práticas educativas precisam de evoluir.

A educação é um processo que visa o desenvolvimento do ser humano nos seus aspetos intelectual, moral e físico e a sua inserção na sociedade, assim como um processo de aquisição de conhecimentos e aptidões.

Instruir, formar, desenvolver, são aceções do verbo educar, que juntamente com o compreender, adotar e conhecer definem a educação como uma ação exercida por um ser humano sobre o outro com a finalidade de o fazer aceder a um desenvolvimento superior, pela aquisição de determinados saberes e valores.

Kant afirmava que o ser humano é a única criatura que tem de ser educada e que só se transforma verdadeiramente pela educação, "o homem só se pode tornar homem através da educação. Nada mais é do que aquilo em que a educação o torna. É de notar que o homem só pode ser educado por homens, por homens que foram igualmente educados." [1]

A educação é, portanto, uma ação reguladora e estimuladora do processo de desenvolvimento humano e da personalidade humana. Desde a Antiguidade Clássica que se preconiza que a primeira educação deve ser a artística, para Platão a chave da educação residia na transformação do homem para querer o bem e a verdade e que "o indivíduo poderia e deveria ser educado através da arte". [2]

Quando falamos em educação rapidamente assumimos que esta é ministrada na escola, de facto a escola é uma instituição, segundo o seu significado no Dicionário de Língua Portuguesa, que cumpre o encargo de educar os indivíduos nas diferentes idades de formação. O termo, derivado do latim *schola*, refere-se ao estabelecimento onde se dá e onde se recebe qualquer género de instrução, trata-se de um local de aprendizagem e de formação do indivíduo que tem a função de garantir o desenvolvimento de competências, capacidades e aptidões nos diversos domínios imprescindíveis à formação humana.

A escola é o primeiro espaço formal que acolhe o indivíduo, tornando-se, por isso, o local privilegiado para o contacto com as artes e as suas linguagens. Enquanto instituição educadora e de transmissão de saberes, a escola deverá ser o espaço excecional para as primeiras experiências e conhecimentos em artes, pois estes são os que mais contribuem para configurar as representações simbólicas portadoras dos valores de toda uma sociedade.

A escola não deverá ser apenas uma instituição que se esgote na instrução, pelo contrário, ela tem o dever de ampliar o seu papel na formação geradora de uma real educação, excedendo a mera transmissão e aquisição de conhecimentos e fortalecendo a dimensão social da própria educação. De acordo com este ponto de vista, Paulo Freire [3] afirma que "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas."

Um dos paradigmas que se coloca à escola de hoje e aos professores de arte é o conceito de cultura. Teresa André (2010) afirma que este domínio inclui práticas e ações sociais, crenças, comportamentos, valores e regras morais que identificam uma sociedade e que é nas artes que se concretiza a representação simbólica dos traços que caracterizam a sociedade ou o grupo social. "São as artes que propagam os significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem". [4]

Daí que as práticas pedagógicas deverão, segundo a autora, sustentar-se na reflexão sobre os contextos culturais e sociais em que a escola está inserida e para esse efeito os educadores/professores deverão assumir um papel transformador "(…) questionando sobre o que ensinar e como ensinar naquela escola, transformando cada escola num espaço singular, detentor de uma forma de conhecimento, de práticas de linguagem, de relações e de valores sociais (…) contribuindo para a conceção de um projeto educativo ajustado ao contexto". [5]

Desenho em quadro de lousa (1917)
Escola de Emerson
Oklahoma

A escola é o local apropriado para o reconhecimento da capacidade transformadora da arte, ou seja, a escola é o espaço onde se deve iniciar o saber e o fazer artístico, assim como a fruição estética, com o objetivo de formar o indivíduo no seu todo. No entanto, para que este objetivo seja alcançado, a escola deverá utilizar as práticas e as experiências usadas em contextos de educação não formais introduzindo novas práticas pedagógicas, que poderão estimular as crianças/jovens "a reconhecerem-se como participantes e construtores num processo dinâmico que oscila entre o sentir, o pensar e o agir – a partir de experiências vividas, múltiplas e diversas (…)" [6]. De acordo com a autora, considero que deste modo se pode fazer uma deslocação dos processos de aprendizagem numa (des)construção com sentidos e significados mais eficazes e eficientes pela pluralidade de encontros com a arte.

A formação humana não se pode separar da aprendizagem e do modo como é apreendida, compreendida e desenvolvida. A escola é um meio formal de aprendizagem, mas não é a única, há outras formas do ser humano desenvolver a sua literacia, podendo desenvolver-se culturalmente em meios não formais e informais, como em museus ou outras instituições culturais.

Numa sociedade em permanente mutação e na qual a educação é parte fundamental, a prática educativa e a sua ação pedagógica, no meu ponto de vista, deve ser estruturada em práticas pedagógicas abertas e flexíveis. Em contexto educativo, no processo de ensino/aprendizagem, os museus podem surgir como instrumentos pedagógicos criativos e possuidores de potencialidades educativas que estejam cruzados com os currículos instituídos e criar redes de conexão que permitam que a museologia e a educação sejam o "casamento perfeito", podendo originar práticas pedagógicas diferenciadas, ricas e significativas.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Fróis, Marques & Gonçalves [7] afirmam que as artes "podem ser objeto de interesse ao longo da vida escolar, com implicações futuras na vida adulta", sendo um dos seus objetivos a contribuição para o apuramento da sensibilidade e da criatividade do indivíduo. A observação e a análise de obras artísticas implicam a perceção, e esta, segundo os autores, "surge como elemento organizador e identificador, mediadores semióticos por excelência, identificando-as, categorizando-as, constituindo uma teia de significados do mundo do sujeito" [8].

As visitas aos museus de arte ou centros de arte são atividades que desempenham um papel essencial na educação estética e artística de crianças e jovens, a sua missão é a de fazerem a ponte (real e efetiva) entre a força e a potencialidade de uma obra de arte e a leitura analítica e crítica do visitante/estudante.

Através das obras que exibe, o museu de arte deve ser uma alavanca forte para o desenvolvimento cognitivo e para o "eu criativo" que existe em cada um dos visitantes. Esta forma de ver, explorar e sentir o museu e, uma possível e verdadeira articulação entre ele e a escola, com investimento diferenciado nas ações educativas que reforcem na escola a leitura de obras de arte, mediadoras de uma experiência estética, e consequentemente a "descodificação" destes signos, é a "chave" para conseguirmos integrar no sistema educativo uma autêntica Educação Artística.

O museu de arte enquanto instrumento pedagógico tem um enorme potencial, com o qual as instituições formais de educação - escolas - podem contar, pela ponte que podem fazer entre o cultural e o social, mas também entre a expressão artística contemporânea e a herança cultural. Por estas razões, as escolas em articulação com os museus de arte podem sustentar uma Educação Artística numa pedagogia de jogo, de prazer, de fruição, de conhecimento cognitivo, de transferência de saberes que levem as escolas a oferecer uma formação completa.

Sendo as artes indispensáveis ao desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do indivíduo e necessária para desenvolver a criatividade e sentido crítico, apreendendo os elementos disponíveis no universo visual, não poderemos nós, professores, ficar indiferentes às mudanças que emergem neste mundo global. Trata-se aqui de rompermos com formas

tradicionais do processo de ensino/aprendizagem e aventurarmo-nos por alternativas didáticas e pedagógicas mais audaciosas, mas também mais consonantes com a nova realidade.

1 Kant, I (2003). Sobre a Pedagogia. Lisboa: Alexandria Editores. P.12.
2 Souza, A.M. (1973). Artes Plásticas na Escola. 4ªed. Brasil: Edições Bloch. P.53.
3 Freire, P. (1997). Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. Brasil: Paz e Terra. P. 15.
4 André. T. (2010). A educação Artística na Escola do Século XXI. In M. Oliveira, & S.M (Org.), As Artes na Educação, Contextos de Aprendizagem Promotores de Criatividade (pp. 49-55). Óbidos: Folheto Edições & Design. P. 52.
5 André. T. (2010). A educação Artística na Escola do Século XXI. In M. Oliveira, & S.M (Org.), As Artes na Educação, Contextos de Aprendizagem Promotores de Criatividade (pp. 49-55). Óbidos: Folheto Edições & Design. P. 53.
6 Id. *Ibidem*. P. 54.
7 Fróis, J.P., Marques, E., Gonçalves, R.M. (2000). Educaçlão Estética e Artística na Formação ao longo da vida. In J.p. fróis, Educação estética e artística, Abordagens Transdisciplinares (pp. 201 -243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. P. 201.
8 Id. *Ibidem*.

* Professora

Ação educativa na Galeria Henrique Medina
Museu Pio XII
Turma 8.º ano – Didáxis
Mestrado em Ensino das Artes Visuais - FACFIL
2015

Ação educativa no Museu Amadeo de Souza-Cardoso
Análise da obra "A ascenção do quadrado verde e a mulher do Violino" de 1916.
Escola de Palmeira - Turmas do 6.º ano
Março de 2016

A crise silenciosa

José Augusto Lopes Ribeiro *

1. A educação humanista

A obsessão pelo crescimento económico tem conduzido, nas sociedades contemporâneas, à implementação de um modelo educativo centrado nas exigências do mercado, nomeadamente nas preocupações com a competição e a rentabilidade. Neste sentido, Martha Nussbaum alerta-nos para uma "crise silenciosa" na qual as nações estão preocupadas com a utilidade e com o lucro, em vez de promoverem as qualidades necessárias a manter viva a democracia. Se esta tendência continuar: "as nações de todo o mundo produzirão gerações inteiras de máquinas utilitárias, em lugar de cidadãos com a capacidade de pensar por si mesmos e de possuir um olhar crítico sobre as tradições e compreender o sofrimento alheio" (Nussbaum, 2012:20).

Assistimos, pois, a uma drástica erradicação das matérias relacionadas com as humanidades. Na educação para o rendimento, apenas conta o conhecimento aplicado e rentável, as faculdades do pensamento e da imaginação são desprezadas e consideradas obsoletas. O mundo está empenhado no progresso tecnológico e no crescimento, desvalorizando o ensino das artes, da literatura ou da filosofia, tudo em nome do desenvolvimento económico. Contudo, a formação da pessoa exige um modelo educativo abrangente, que promova o desenvolvimento integral do indivíduo, possibilitando que o aluno seja curioso, ativo e crítico e, por outro lado, que cultive os valores humanos, a compreensão empática, a reflexão e a imaginação.

O processo educativo deve reforçar a capacidade de reflexão do indivíduo, de maneira a enfrentar a complexidade crescente do mundo e a desenvolver uma perspetiva fundamentada sobre aquilo que o rodeia, sobre si mesmo e sobre os outros. Neste sentido, o cultivo das Humanidades é determinante e o ensino da filosofia ganha novo significado e uma importância acrescida. Cabe à filosofia promover a interpretação e a compreensão, desenvolver o espírito crítico e a capacidade de argumentar, bem como mostrar a importância dos valores e dos símbolos.

Como explica Neil Postman, não podemos esquecer a importância de uma

o homem só se pode tornar homem através da educação

* Professor

narrativa que contribua para articular a imaginação e a criatividade dos indivíduos, possibilitando: "poder organizador e símbolos inspiradores com os quais todos os cidadãos se possam identificar e deles retirar apoio" (Postman, 1993: 157). Através da atividade filosófica devemos ser capazes de evitar que a educação se transforme numa questão tribal, onde cada comunidade ou cada grupo reivindica os seus próprios valores, crenças e costumes. Temos de refletir sobre uma cultura comum e de trabalhar as ideias, os valores e os símbolos com a preocupação de encontrar uma base moral e imaginal para a educação. Como afirma o pedagogo: "se a nossa política for simbolicamente empobrecida, é difícil imaginar como é que os professores podem fornecer um alvo de peso à educação" (1993: 159). A imaginação é um modo de aprendizagem poderoso que tem sido negligenciado e que é urgente convocar como forma de enriquecer a escola e proporcionar "às crianças objetos de reflexão que desafiem e estimulem as potencialidades imaginativas que utilizam no seu modo de pensar" (Kieran, 1994: 32), pelo trabalho filosófico o aluno pode expandir as suas ideias, dar sentido ao mundo e compreender os outros.

Abraham Maslow defendia, segundo a sua filosofia humanista, que o objetivo da educação é a autorrealização, através da qual a pessoa procura o desenvolver da sua plenitude humana. Considerando que a educação estava enferma, Maslow preconizava a importância de aprender a ser humano mediante a experiência da autodescoberta. Neste sentido, criticou o positivismo, o condutismo e o objetivismo, enquanto teorias sobre a natureza humana, afirmando que a ciência surgiu como estudo do não humano, renunciando aos valores de modo a ser puramente descritiva: "o grande erro que agora estamos a descobrir é que este modelo, obtido a partir do estudo de objectos e coisas, se aplicou de forma ilegítima ao estudo dos seres humanos" (Maslow, 1999: 208). A filosofia promove, à maneira socrática, o autoconhecimento, desafiando o aluno a examinar os seus sentimentos e as suas crenças, de maneira a compreender os outros de modo empático e a evoluir através do diálogo com aqueles que o rodeiam, mas pensando por si próprio e afirmando a sua autorrealização. O erro está na crença cega no poder da tecnociência e no crescimento económico, a educação precisa de ter em conta que o ser humano tem necessidades superiores e que os princípios orientadores devem ser determinados por valores. O modelo educativo que apenas contempla os conteúdos é reducionista, esquece a filosofia dos fins, ou seja, a preocupação com a eficácia acaba por sacrificar a orientação humanista, cuja preocupação deve ser o desenvolvimento de seres humanos autorrealizados. As nossas escolas necessitam, pois, de voltar a ensinar valores como a verdade, a beleza, a justiça ou o respeito, entre outros, de modo a combater a dessacralização da vida, a apatia e o cinismo que corroem a vida contemporânea, conduzindo ao vazio da nossa cultura e à consequente desorientação da sociedade e da educação.

2. O fim da educação

Todavia, a crise educativa não significa o fim da educação. Quando nos interrogamos sobre a finalidade da educação devemos ter presente a afirmação de Kant: "o homem só se pode tornar homem através da educação" (Kant, 2003: 12). A nossa humanidade é uma questão fundamental num mundo que se tornou mais frio e inóspito, e que se transforma a uma velocidade vertiginosa, indiferente ao próprio homem. Daí que a nossa indagação pergunte pela possibilidade da filosofia, pelo seu lugar na educação e na escola. Trata-se de caminhar na direção oposta à educação enquanto rendimento e competição, possibilitando a reflexão sobre a vida e sobre o homem. A tarefa da filosofia no ensino é mostrar que o mundo não é evidente e necessita de ser interpretado, por sua vez, o ser humano precisa de ser compreendido. A filosofia permite a incorporação do pensamento crítico e o questionamento, mas é uma atividade que estimula os alunos a analisar os seus próprios pensamentos e as suas emoções. O papel da filosofia é impedir a passividade das pessoas, promovendo

o compromisso crítico e racional, bem como a formação de cidadãos empenhados em resistir à manipulação e ao poder arbitrário. A filosofia é indispensável para a compreensão do respeito e para a consciencialização da nossa responsabilidade perante o outro.

3. O retorno da Filosofia

O modelo educativo centrado no progresso económico privilegia o controlo do mundo e a rentabilidade, está preocupado com o crescimento económico e provoca uma erosão das qualidades humanas, em nome de um progresso que esquece o próprio homem. Aquilo que conta é o conhecimento aplicado e a transformação do mundo, de maneira a aumentar a riqueza e a responder às exigências do mercado laboral. Contudo, a educação integral da pessoa requer uma abordagem de caráter mais humanista, que retome o papel das artes, da literatura e da filosofia.

A finalidade educativa não pode ser reduzida ao modelo empresarial e económico, a educação deve ter por objetivo o desenvolvimento da personalidade do indivíduo e a promoção dos valores humanistas. Neste sentido, podemos falar do regresso da filosofia, enquanto orientada para o alargamento do horizonte reflexivo e emocional do ser humano. A interpretação do mundo e a compreensão do outro são tarefas específicas da atividade filosófica, cujo ensino possibilita o exercício da reflexão, a análise crítica e a empatia.

A complexidade, o vazio e a insensibilidade moral que vivemos nas nossas sociedades pós-modernas revelam a "coisificação" do homem, vítima do rendimento, da competição e do progresso tecnológico. O desnível entre a transformação do mundo e o desenvolvimento da humanidade deve interpelar a educação para que encontre um modelo educativo mais equilibrado e humanista, que possibilite a ampliação da nossa sensibilidade e da nossa reflexão. A escola tem de ajudar o aluno a sentir, a compreender as suas emoções, a expandir a capacidade da sua alma, alargar a sua imaginação e as suas ideias, evitando a resignação e a passividade - é o retorno da filosofia.

Referências bibliográficas
Kant, I. (2004). Sobre a Pedagogia. Lisboa: Alexandria Editores.
Kieran, Egan, (1994). O Uso da Narrativa como Técnica de Ensino. Lisboa: Publicações Dom
Maslow, Abraham H. (1999), La Personalidad Creadora. 6ª ed. Barcelona: Kairós.
Nussbaum, C. Martha (2012), Por qué la democracia necesita de las humanidades. Madrid: Katz.
Postman, Neil (1993), Tecnopolia. Quando a Cultura se rende à Tecnologia. Lisboa: Difusão

Sonhar o liceu

Eugénia Fernandes *

Margarida era uma criança com sonhos. Andava na Escola Primária de S. Vicente e vivia na Rua das Palhotas. Hoje, recorda os seus tempos de uma infância difícil e batalhadora.

Na escola era a melhor aluna, sabia aritmética, português, história e todos os rios, serras e linhas de Portugal, mesmo das ex-colónias. Fazia inveja às meninas ricas que não sabiam tanto como ela e a quem dava lições a troco de um pão com marmelada pois, para ela, era um mimo que não tinha.

Conta que as merendas das meninas"com posses" eram cobiça por parte de muitos lá da rua que, como ela, às vezes nada levavam. Apenas olhavam, com os olhos famintos, à espera que uma pontinha sobrasse para enganar o paladar. Um dia, tornou-se amiga e "explicadora" de uma dessas meninas mais afortunadas que vivia ali para os lados de Abade de Loureira, pois tinha muitas dificuldades nas contas de dividir, aliás, era nesta parte da aritmética que muitos penavam com as "reguadas" que a Sra. Professora aplicava com força. Estas lições eram dadas a troco de umas bolachas e de uns pães com marmelada ou manteiga que não eram só para a Margarida, mas também, para as suas amigas da vizinhança.

Um dia, a menina fez anos e convidou-a para a festa. Preparou-se a Margarida com o seu melhor vestido e quando entrou na sala de jantar com a mesa cheia de iguarias que ela nunca tinha provado, algumas nunca tinha visto, ficou extasiada "até os olhos queriam saltar". Teve que esperar para provar, mas foi "uma barrigada" com direito a trazer uma saca cheia para os irmãos que ficaram em casa. Foi uma alegria! Hoje, pensa que a menina é médica. Ela é que nunca conseguiu ir além da quarta classe, feita com distinção na Escola da Sé.

Margarida gostava muito de estudar, "aprendia muito bem", e pediu aos pais que a deixassem ir para o Liceu Sá de Miranda. O não dos pais doeu-lhe, pois correspondia à sua pobreza. Era preciso ter dinheiro para comprar livros, roupa e outras coisas para se poder frequentar o liceu. Dinheiro os pais não tinham e havia os outros irmãos.

O liceu era o sonho. Margarida passava por ali, olhava o edifício com toda a sua imponência, e imaginava-se lá dentro a aprender para ser alguém. "Quem me dera andar nesta escola!", "Quem aqui anda é importante". O sonho ia andando, passeando as salas, os corredores, a biblioteca e o recreio. Um dia desapareceu Margarida, com catorze anos, deixou de ir espreitar o liceu e começou a trabalhar.

* Professora

(texto escrito a partir de testemunho colhido no âmbito das atividades do Sá Voluntário)

Museu da Escola Sá de Miranda - Que futuro?!

Joana Lopes *

Foi-me lançado o desafio de escrever sobre o nosso Museu. É uma tarefa deveras complicada para uma novata nestas lides da escrita da área das Ciências, que, por isso, gosta mais de investigar, experimentar, ensinar, aprender, ler, mas não de escrever, mas que a cada dia que passa vai ficando cada vez mais fascinada com o passado que cada peça do Museu conta ou poderá vir a contar. No início do ano letivo foi-me lançado o repto, pela nossa Diretora (Dr.ª Antonieta Silva) e pela nossa Coordenadora da Biblioteca (Dr.ª Cândida Batista) de- identificar, inventariar e catalogar os objetos do espólio do Museu, começando pela área das Ciências Naturais. Confesso que ao aceitar esta enorme responsabilidade temi, pela primeira vez, não a conseguir cumprir com a devida competência. Havia um conjunto de obstáculos físicos a ultrapassar, que a função assim exigia, que iria requerer da minha parte uma adaptação, para que o meu resíduo visual fosse suficiente. Havia que pensar como ultrapassar essas limitações para conseguir concretizar, adequadamente, a tarefa. Mas como desistir é morrer e, desde pequena, nunca fui pessoa de me resignar e sempre

* Professora e aluna de 1991 a 1997

Fig. 1
Gabinete de História Natural do Colégio do Espírito Santo

vi a linha do horizonte como misteriosa, mas ao mesmo tempo como possível de ser alcançada, com dedicação e empenho, logo tentei imaginar o que estava para além da linha, que me pediam. Como nos fala o nosso Fernando Pessoa, consegui buscar na "linha fria do horizonte" tudo o que de mais belo havia e voltei a acreditar que "O sonho é ver as formas invisíveis" e, logo também recordei António Gedeão, na sua Pedra Filosofal - "Eles não sabem, nem sonham, /que o sonho comanda a vida. /Que sempre que um homem sonha /o mundo pula e avança /como bola colorida /entre as mãos de uma criança" pelo que enchi o peito de ar, meti as mãos na massa e os pés ao caminho e aqui estou a dar o meu contributo.

Pois bem, o nosso Museu reúne uma coleção científica de material didático-pedagógico de diversas áreas do conhecimento: biologia, eletrotecnia, física, geografia, geologia, história e química (peço desculpa, se existirem outras mais, que, de momento, ainda desconheço). Mas todos os dias aprendo um pouco mais, quer com o espólio do nosso Museu, quer com todo o trabalho de investigação, quer com os testemunhos e partilha dos colegas de trabalho, quer com todos aqueles que nos visitam.

A coleção que temos é, maioritariamente, oriunda dos Gabinetes de História Natural, de Físico-Química e de Geografia do Liceu, desde a sua fundação há 180 anos [completá-los-á a 17 de novembro de 2016] até aos nossos dias e que não é utilizada atualmente (pelo menos de forma sistemática), em sala de aula. Congrega também alguns outros objetos do antigo Colégio do Espírito Santo, que se encontravam no Gabinete de História Natural do Colégio (cf. Fig. 1) e que funcionou desde 1872 até outubro de 1910, nas atuais instalações da Escola Secundária Sá de Miranda.

O espólio do Museu é dotado de uma coleção notável de objetos antigos da casa francesa *Deyrolle*, em Paris, que é a maior casa especializada em taxidermia, fundada em 1831 e que a 1 de fevereiro de 2008 sofreu um grande incêndio, tornando os espólios desta casa francesa, distribuídos pelo mundo, especialmente os mais antigos, ainda mais valiosos, como é o caso do nosso. Na nossa Biblioteca existe um catálogo, original de 1908, dos materiais que esta casa francesa distribuía pelo mundo e que tem sido utilizado também para auxiliar na identificação e catalogação de algumas peças (cf. Fig. 2).

A taxidermia é uma forma de conservação de animais vertebrados com o intuito de criar coleções científicas ou conservar espécimes ameaçados de extinção. Este processo envolve conhecimentos de várias áreas para além da biologia, como é caso da química, da anatomia, da ecologia, das artes plásticas, entre muitas outras. As técnicas que são utilizadas são várias e incluem a preparação de esqueleto e da pele assim como, a montagem do ser

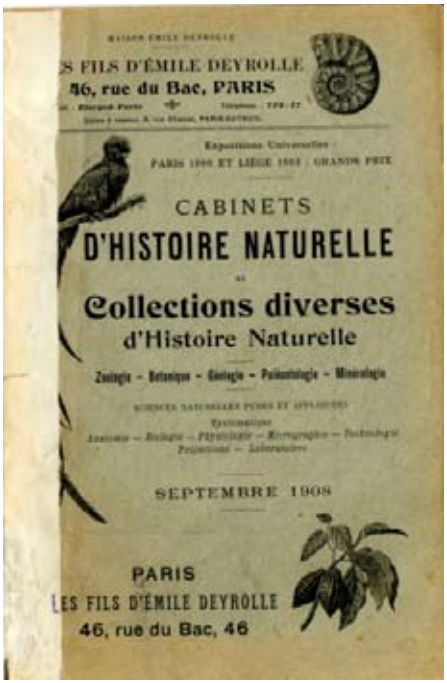


Fig. 2
Catálogo da Casa Francesa *Deyrolle*, 1908

vivo no seu estado natural, reconstituindo quer as características físicas, quer o seu habitat, quando possível. Aproveitam-se sempre as partes duras dos seres vivos, que não se decompõem e que resistem às amplitudes térmicas ditas normais. A coleção existente no Museu resulta de seres vivos recolhidos no seu meio e que foram preparados para que resistissem ao passar dos anos. Para além de animais, podem também fazer parte desta tipologia (taxidermia) alguns resquícios das atividades desses mesmos animais, como é o caso de ninhos, ovos, ou pegadas.

O espólio do Museu, em termos de Ciências Naturais e de espécimes taxidermizados, engloba vários tipos de aves, mamíferos, répteis, anfíbios, peixes e artrópodes. Existem também alguns vestígios da sua atividade, nomeadamente, ninhos com/sem ovos.

Devido ao seu anterior estado de conservação, as aves foram recentemente restauradas, valorizando ainda mais a coleção.

Todo este conjunto de seres vivos taxidermizado permite, consoante a idade de quem nos visita, estabelecer por exemplo: relações entre os seres vivos e o seu habitat; as relações bióticas que estes seres vivos estabelecem entre si; as características que apresentam (tais como: presença de penas; presença de pelo; presença de escamas; existência de bico curto e adunco; presença de bico comprido e achatado; existência de membrana interdigital; tamanho das patas; ausência de olhos; n.º de dentes, sua disposição e tipologia...) e o tipo de alimentação que possuem ou o habitat que ocupam; as semelhanças e diferenças que apresentam; categorias taxonómicas e classificação de Whittaker; as curiosidades que alguns apresentam e qual a sua função (tais como, formas de camuflagem, defesa, acasalamento)...

No Museu, destaque também para a coleção de esqueletos, quer completos, quer incompletos, como é no caso destes últimos, vários crânios e também de uma vértebra de cachalote (ME/402849/254 - cf. Fig. 3), esta última doada por um antigo colega da escola, Dr. João Rodrigues (atualmente a trabalhar, no Agrupamento de Escolas Alberto Sampaio). Estes esqueletos permitiam o estudo anatómico quer da espécie humana - *Homo sapiens* (ME/402849/251 - cf. Fig. 4) - assim como a comparação (anatomia comparada) com outros esqueletos, como é o caso, por exemplo, do esqueleto de gorila - *Gorilla gorilla* (ME/402849/252 - cf. Fig. 4) - existente no nosso Museu. Também a observação dos crânios possibilitava ainda o estudo da dentição de diversos seres vivos e, deste modo, deduzir-se o tipo de alimentação de cada espécie.

Fig. 3
Vértebra de Cachalote oriunda dos Açores
ME/402849/254

Fig. 4
Esqueleto de *Gorilla gorilla*
ME/402849/252

Esqueleto de *Homo sapiens*
ME/402849/251

Não menos relevante é uma coleção de modelos anatómicos elaborados em diferentes materiais (tela, gesso, cerâmica, polímeros) e que também demonstram a evolução ao longo do tempo, no que diz respeito aos materiais utilizados e à importância dada ao estudo das características anatómicas dos diferentes seres vivos.

Destaque também para os espécimes conservados em líquido, dos quais o nosso Museu tem um espólio riquíssimo, que vai desde a conservação total de seres vivos a apenas alguns órgãos. É exemplo disso mesmo, a conservação total de um feto em formol, onde é possível a observação dos braços, das mãos, das pernas, dos olhos, do nariz e da boca. E por que não aproveitarmos o facto de termos este material para por exemplo, in loco: iniciar uma aula de ética?; debatermos a legitimidade ou não do aborto [criando no aluno o espírito crítico, a defesa dos seus argumentos, perante os seus pares e, o respeito pela opinião dos outros, quando contrária]?; um debate no âmbito do Projeto de Educação Sexual, no Ensino Secundário?...

Outro objeto que causa impacto a quem nos visita, e também conservado em líquido, é o do sapo-parteiro-comum - *Alytes obstretricans* (ME/402849/272 - cf. Fig. 5) - que tem a particularidade de o macho, após os ovos serem fertilizados, enrolar o cordão envolvente destes, nas patas traseiras e andar com eles até à altura da eclosão (aproximadamente um

Fig. 5
Alytes obstretricans conservado em líquido

Fig. 6
Catálogo de 1901 do Liceu, em arquivo na nossa Biblioteca

mês), protegendo-os dos predadores, dos fungos e da seca. É devido a esse facto que apresenta verrugas na região lombar, para que os consiga transportar mais facilmente, sem os perder. Esta espécie é, predominantemente, terrestre e só vive na água na época da reprodução. Quando o desenvolvimento dos embriões chega ao fim, este sapo, aproxima-se, então, das águas calmas, onde as cascas dos ovos se rompem, ficando os girinos em liberdade. O tamanho da cabeça destes sapos é bastante grande atendendo à dimensão do seu corpo. Os olhos são grandes e com pupila vertical, em forma de fenda. Este objeto já fazia parte do espólio do Liceu em 1901, tendo sido uma oferta de S. Motta, conforme comprova o Catálogo arquivado na nossa Biblioteca (cf. Fig. 6).

Muitos outros objetos podem ser apreciados na área da Biologia, na exposição permanente do Museu, mas só uma visita detalhada para poder constatar ao vivo a magnificência do espólio.

Também logo à entrada do espaço físico principal do Museu uma pequena amostra, num armário, do que existe em termos do património geológico.

Na exposição permanente, apesar de também haver uma coleção rica, na área da Geografia, apenas uma ínfima amostra, do que existe. Aí destacam-se duas belíssimas peças: um globo terrestre (ME/402849/161 - cf. Fig. 7); um globo celeste (ME/402849/160 - cf. Fig. 7), onde estão representadas as principais

Fig. 7
Globo Terrestre - ME/402849/161
Globo Celeste - ME/402849/160

constelações, através de simbologia mitológica. Este último, costuma encantar as nossas crianças, principalmente, as mais novas, que logo se "atropelam" curiosas com um conjunto de questões pertinentes. Logo atrás, uma pequena amostra de uma coleção de quadros representando os povos da Terra e mais um local onde, se quisermos, poderemos iniciar uma aula e voltar a dar vida aos objetos do nosso Museu.

Nas áreas da Física e da Química o encanto começa pela antiga bancada do Laboratório, que ocupa o espaço central do Museu. Em seguida, as Tabelas Periódicas de 1912 e de 1955 não passam despercebidas pela sua dimensão, por serem bem diferentes entre si e por serem em madeira pintada. A de 1912 (ME/402849/65 - cf. Fig. 8) apresenta apenas os pesos atómicos aproximados, enquanto a de 1955 (ME/402849/66 - cf. Fig. 9) já é um verdadeiro sistema periódico dos elementos.

A Máquina de Joule também chama a atenção dos nossos visitantes, assim como a Máquina elétrica de Carrè. Mas, ao nível destas duas ciências, esta é só uma pequena fração do que existe na nossa escola, pois o acervo é muito maior, até porque já no final do séc. XIX, quer no Liceu quer no Colégio do Espírito Santo era prática comum, os alunos realizarem atividades experimentais, conforme também comprovam registos fotográficos da altura do Colégio do Espírito Santo (cf. Fig. 10 - Preparação do Fósforo,

Fig. 8
Pesos Atómicos Aproximados (1912)
ME/402849/65

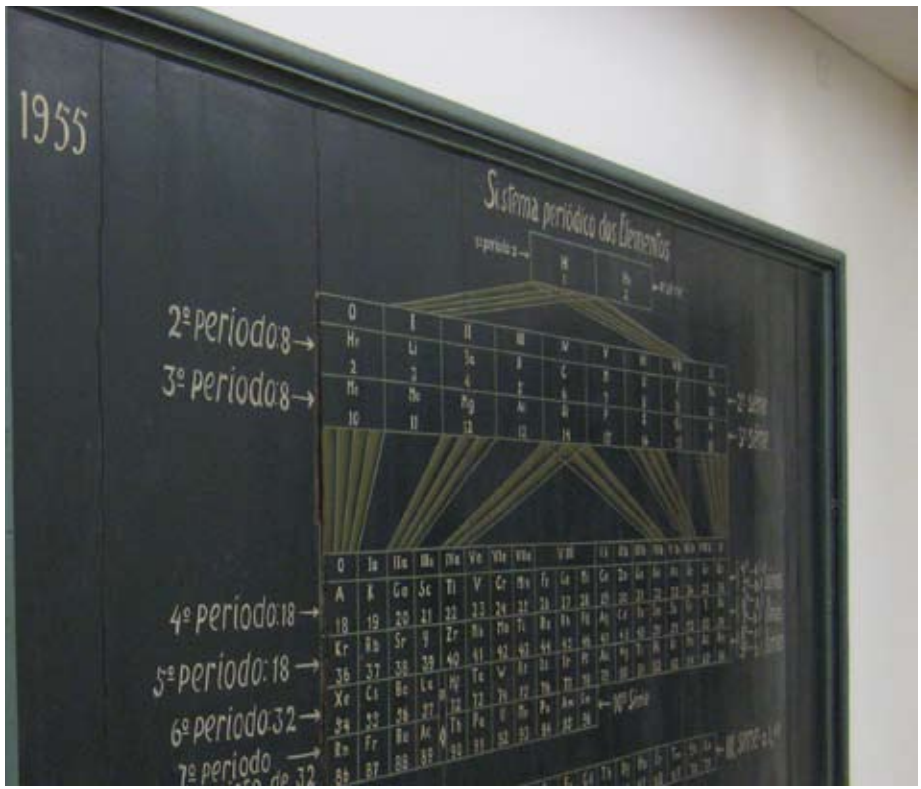


Fig. 9
Sistema Periódico dos Elementos (1955)
ME/402849/66

Fig. 10
Preparação do Fósforo - Trabalhos Práticos pelos alunos da 6.ª classe - Colégio do Espírito Santo

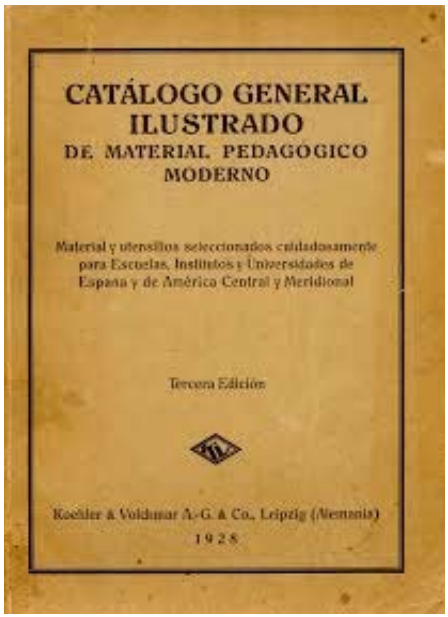


Fig. 11
Catálogo de Material de Origem Alemã, arquivado na nossa Biblioteca, 1928

pelos alunos da 6.ª classe, do Colégio do Espírito Santo).

Alguns dos instrumentos científicos adquiridos quer para a química quer para a física, quer para outras áreas do saber são de origem alemã, existindo em arquivo, um catálogo de 1928, na nossa Biblioteca, que comprova isso mesmo (cf. Fig. 11)

No Museu pode ainda ser observado o mobiliário, nomeadamente, duas carteiras antigas dos nossos alunos e os móveis antigos - agora restaurados - que albergam o nosso espólio.

Mas, o nosso Museu não se cinge a um só espaço físico, pois está também espalhado por toda a escola, em contacto direto com os nossos alunos, com os nossos docentes, assistentes operacionais e restante comunidade educativa, que nos visita. Há materiais didáticos à entrada da Direção, na Sala Oval, na sala de Geografia, no Salão Nobre, no Gabinete Médico, no corredor dos Laboratórios (expositores com materiais) e nos próprios Laboratórios. Parte da coleção está ainda guardada e devidamente acondicionada, sendo apenas exposta nas exposições temporárias.

O Museu está aberto aos alunos, mas também à restante Comunidade, de segunda a sexta. Este ano, já foi possível receber os alunos: do 9.º ano da Escola de Palmeira, no Dia da Escola - 17 de novembro - com visita guiada ao Museu; de todos os quartos anos do nosso Agrupamento, com o forte envolvimento

dos colegas de Biologia e Geologia - Dr. Sérgio Leite e Dr.ª Cristina Fertusinhos - que se empenharam, ativamente, na dinamização das atividades no Museu e também nas atividades Laboratoriais que se realizaram no mesmo espaço e em inter-relação de conteúdos e materiais, nos dias 20 e 27 de janeiro; de duas turmas de 6.º ano no dia 18 de fevereiro, com visita guiada ao Museu; a algumas alunas de 12.º ano, com visita guiada ao Museu. Para além disso, visitaram o nosso Museu os alunos com Necessidades Educativas Especiais, quer acompanhados da Psicóloga do IRIS, Dr.ª Raquel, quer alguns deles a título individual. E é sempre muito bom recebê-los e fazê-los sentir que esta casa é também deles. No mês em que escrevo, os alunos das turmas 10.º 10, 11.º 10 e 12.º 8, acompanhados do Dr. Manuel Braga da Costa, por iniciativa própria, têm aparecido para desenharem parte do espólio, numa atividade que se tem mostrado muito profícua. Muitos deles têm-se demonstrado bastante motivados e, entre traços e rabiscos, borracha, olhar novamente para o objeto, mais um traço, torcer o sobrolho, voltar a apagar, voltar a desenhar, lá tentam procurar mais informações sobre o que estão a desenhar, tentando compreender se aquilo que observam é mesmo assim, quando aquele ser, ainda se encontrava vivo. E, voltam a dar "vida" a cada peça e, ao Museu (cf. Fig. 12).

Também já visitaram, a título individual o Museu, este ano letivo: Encarregados de Educação, ex-alunos, docentes do Agrupamento, Doutores da Universidade do Minho, trabalhadores da Câmara Municipal de Braga, cidadãos de Braga, representantes do Museu da Assembleia da República.

Fig. 12
Ilustração Científica, da aluna Filipa Duarte, n.º 6, do 10.º 10, de *Alytes obstetricans* (sapo-comum-parteiro) - 1.ª aula

No processo de catalogação estão a inventariar-se os objetos consoante as orientações do Ministério da Educação, procedendo-se para isso a um processo de investigação de cada peça e, posteriormente, à sua descrição. Após o preenchimento da ficha de cada objeto está a elaborar-se uma ficha simplificada para impressão, para que quem nos visite a título individual e, que não tenha a possibilidade de ter visita guiada ou não a deseje, possa usufruir ao máximo das potencialidades do nosso Museu. Para além disso, a equipa da Biblioteca está, no momento, a construir um *Website*, onde pretende partilhar toda a informação recolhida em termos de catalogação. A Dr.ª Cândida Batista e eu estamos a construir o *Website*, colocando lá toda a informação recolhida até ao momento, sobre o nosso Museu e as peças já inventariadas e catalogadas e está a ser elaborado o registo fotográfico de cada peça, para que cada ficha de objeto fique completa.

Ao longo de 180 anos, assistimos a diferentes reformas curriculares que estão bem presentes no acervo do nosso Museu. Neste conseguimos compreender que os programas não são estanques, ao longo da nossa história educativa. Nele conseguimos, também, estabelecer uma ponte entre o mundo natural, o seu estudo e o conhecimento. Podemos aprender nele biologia, geologia, geografia, história, física, química, a desenhar, desenvolver o espírito crítico, a respeitar a opinião dos outros... E, tudo isto, a partir de um único espaço...

E aqui estou... o Óscar

Fernanda Carvalhal *

Meu nome é Óscar, Óscar Sá de Miranda

Todos me conhecem, mas nem todos sabem da minha longa vida.

Vou contá-la.

Um dia, há muitos, muitos anos fui caçado na borda de um rio, onde dormia a minha sesta ao sol, e mandaram-me para uma espécie de laboratório onde me embalsamaram. Francamente, não gostei nada da ideia. Mesmo quando me disseram que vinha para Braga, para um sítio muito simpático onde seria admirado, fiquei na mesma extremamente aborrecido. Ia deixar aquela margem do rio onde eu mergulhava e procurava alimento e onde dormia tão belas sestas…

Mas lá vim para aqui. E aqui estou há tantos, tantos anos que já nem os sei contar (nunca fui bom aluno a matemática, só sei contar até 50…)

Quando cheguei colocaram-me num salão enorme chamado Museu. Lá estava a raposa, o cão, muitos peixes e pássaros e até dois homens só ossos (tiveram menos sorte que eu, pelo menos estou mais compostinho). E notei que a rapaziada me dava uma atenção especial – não sei porquê mas imagino…). E foram esses petizes, que me puseram o nome de Óscar. Não sei a razão mas suspeito que tenha sido pelo meu belo aspeto. Esses pequenos já devem estar bem velhotes…

E assim fui vivendo a aprendendo a ser feliz na minha nova vida – bastante mais parada mas sentia-me amado e admirado.

Durante muitos anos, de cima do meu pedestal, vi muita coisa – jovens em exames ou testes, uns ansiosos outros a copiar, trocas de olhares entre rapazes e raparigas, papeis a passarem às escondidas dos professores, discussões políticas, e mais, e mais…

Quando fizeram as obras temi, sem razão, pela minha vida!

Na verdade, mudei de local mas não estou descontente. Passo algumas temporadas nas reservas do museu – não gosto muito de estar lá, apartamentos não é para mim. Aí vou conversando com o golfinho que vive na prateleira em frente à minha (coitado, está um pouco acabado, às vezes, sem querer, mostra um bocado da sua palha), vou respondendo às provocações de duas gaivotas que por se encontrarem três andares acima de mim pensam que podem grasnar à vontade e, vou vendo, ao longe uns aparelhos de física muito antigos também.

Há um ano saí das reservas e colocaram-me à porta, a receber muitos senhores que vieram ao encontro dos liceus. Que bem me senti… As pessoas passavam na rua e olhavam para mim e acho que me gabavam. Depois passei uma temporada no auditório onde cheguei a assistir a aulas de matemática de preparação para exame (não aprendi nada, era tudo com letras).

Agora estou no Museu. Tirando o pavão que me olha, lá do fundo, muito invejoso, todos os outros animais me receberam muito bem. Os esqueletos também ficaram contentes por me rever. Os alunos gostam muito de mim. Ainda ontem um grupo de raparigas de artes se sentou à minha volta para fazerem o meu retrato.

Há dias fiquei muito feliz! Fui visitado por muitos meninos pequeninos, futuros alunos da escola. Foram tão simpáticos comigo – todos me cumprimentaram! Tenho o futuro garantido!

Esta tem sido a minha vida nesta escola que tão bem me tem tratado. Aqui vou continuar a ver passar jovens e a sentir o seu afeto por um crocodilo empalhado.

* Professora

AS NOSSAS ESCOLAS
CHEGAMOS
FELIZES

Origens e Evolução do Liceu Nacional de Braga

Franquelim Neiva Soares *

O Liceu Nacional no convento da extinta congregação do Oratório

A sua origem de direito legal remonta ao decreto de Passos Manuel, de 17 de Novembro de 1836, cujo artigo 40.° criava um liceu nacional em cada uma das capitais de distrito (17 no Portugal metropolitano e 4 nas ilhas adjacentes). Decretava-se ainda um sistema uniforme de cadeiras ou disciplinas, revogando o velho regime pombalino.

Mas, não havendo edifícios nem verbas, era difícil poder concretizar-se a lei. Nessas difíceis circunstâncias valeu ao liceu nascente de Braga o arcebispo eleito D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Melo que cedeu temporariamente parte do Seminário de S. Pedro, que dava para o Campo da Vinha, a fim de nele se ministrarem as aulas do Liceu.

Inaugurou-se, assim, aí o ensino liceal no ano letivo de 1840-1841, onde esteve até 1845.

Entretanto, por carta de lei de 13 de julho de 1841 foi destinado o convento da extinta congregação do Oratório, no edifício dos Congregados, para sede do Liceu Nacional.

Tendo-se reparado o edifício na medida do possível por diligência do Governador Civil, do Reitor e dos professores, nele se instalou o Liceu Nacional de Braga a 11 de Julho de 1845, dando-se solenemente posse do edifício ao conselho do liceu. Começa aqui, de facto, a verdadeira história do Liceu Nacional de Braga.

Dispunha apenas de três salas de aulas e naturalmente a secretaria e o gabinete do reitor; o seu pessoal era muito reduzido, havendo, alem do referido reitor, o secretário e mais quatro professores.

A entrada principal do edifício era comum ao Liceu, à Biblioteca Pública, a uma escola particular de ensino mútuo (instalada também no mesmo edifício) e ainda a Igreja dos Congregados e respectiva torre.

Este Liceu era, por assim dizer, uma sucursal do Seminário Arquidiocesano, só frequentado por moços, e predominantemente nas cadeiras de Latim e Filosofia, que eram exigidas para poderem ordenar-se. Daí essa enorme frequência numa diocese extensíssima, que ia desde o rio Minho ao Ave e da orla marítima a Freixo de Espada a Cinta e a raia espanhola. Em Fevereiro de 1848 o número de alunos excedia trezentos e vinte, havendo mais uma avultada quantidade de ouvintes, excluídos da matrícula por concorrerem depois do prazo. Só em Filosofia encontravam-se inscritos duzentos e trinta e três alunos.

Vida interna do Liceu

Não seria especialmente difícil a vida interna nestes primeiros tempos, por se tratar de alunos mais ou menos adultos, houvesse embora divisões políticas e ideológicas. Mas há alguns factos a dificultar a disciplina: como a anarquia reinante e o avultado número de alunos, o que obrigava a turmas enormes.

Dão-se, também, alguns acontecimentos que patenteiam bastante indisciplina, como a perturbação com os motins de 1856. O primeiro motim importante deu-se a 6 de Novembro pelas nove horas, sendo invadido o recinto do Liceu por uma turba de estudantes do Seminário Diocesano, vestidos de capa e batina, em número talvez superior a cem, soltando altas vozearias e assobios às portas das aulas e levando o tumulto e ruído mesmo ao interior da aula de Oratória,

em funcionamento, cujo professor foi escarnecido.

A procura de novas instalações. Novas denominações

Em 1857 pensou-se em novas instalações para o Liceu Nacional de Braga, nomeando-se uma comissão, composta de três vogais, encarregada de examinar o Seminário de S. Pedro para ver se nele se poderia instalar o Liceu.

Nesta altura ensinavam-se nesta instituição escolar nove cadeiras, funcionando duas delas duas vezes ao dia, o que equivalia a onze preleções divididas por quatro aulas. A instalar-se o Liceu no Seminário, este ficaria ocupado durante todo o dia sem deixar espaço para as aulas aos seminaristas. Por outro lado, não convinha separar-se o Liceu da Biblioteca, por ele administrada como corpo científico. Há que ter em conta que o edifício do Seminário estava em certa deterioração e tinha muita humidade e muito má iluminação

Não havendo condições para o mudar para o Seminário, continuou no mesmo edifício até ao ano letivo de 1921-1922. Mas, no decurso dos setenta e seis anos em que esteve instalado no convento da extinta congregação do Oratório, deram-se algumas alterações na sua denominação. Em 1880 a lei previa três espécies de liceus: liceus nacionais, centrais e escolas municipais. Nesse diploma estatuía-se que só tivessem liceus nacionais centrais as cidades de Lisboa, Porto e Coimbra; o Liceu Nacional de Braga passou também à mesma categoria por decreto de 16 de Setembro de 1896, havendo tido, pela lei de 30 de Junho de 1885, apenas curso complementar de humanidades ou letras.

Assim se manteve, sem qualquer alteração digna de nota, até 27 de Abril de 1912, momento em que a sua denominação passou a ser Liceu Nacional Central de Sá de Miranda. Este nome dever-se-á à consagração distrital pela República à egrégia figura do Poeta do Neiva—Sá de Miranda. Na verdade, não longe da capital do Minho, em Fiscal, encontra-se a quinta da Tapada, onde viveu no final da vida o grande poeta; e não muito longe, em Carrazedo, está o túmulo onde repousam os seus restos mortais.

Por isso, compreende-se perfeitamente a mudança de nome como justa homenagem a um dos mais distintos poetas do País e, sobretudo, do Norte.

O Liceu Nacional Central de Sá de Miranda no ex-Colégio do Espírito Santo

A transferência para este novo e grandioso edifício só se operou no início do ano letivo de 1921-1922, mas ainda continuando parte do liceu no velho edifício dos Congregados. O Colégio do Espírito Santo, da congregação do mesmo nome, era um imponente monumento, de construção recente, cujas origens remontam apenas a 1877.

Tendo sido o edifício elaborado para internato, não se adaptava bem a liceu; para ficar em condições para a sua nova missão exigiam-se obras de adaptação, que orça¬riam por quatro ou cinco contos. Talvez por isso é que não se mudou tudo da velha casa, continuando nela a secretaria e os trabalhos práticos individuais.

Mas os melhoramentos no novo edifício do Liceu não tardaram a começar. Pensou-se logo na aquisição de um cinematógrafo para o teatro. Graças à influência do Dr. Carrilho conseguiu-se para o Liceu a oferta de um Observatório Meteorológico. A princípio seria dádiva do Visconde de Guilhofrei, mas, como entre¬ tanto se ausentara para o Brasil, coube a sorte da oferta a Júlio de Amorim Viana. Quando aquele escrevera a comunicar que punha um conto de réis ao dispor do Observatório, foi-lhe respondido que, por causa da sua ausência imprevista, já outrem o havia substituído na oferta. Mas não faltaria ocasião de poder exercer a sua bondosa generosidade.

Colocado nas novas instalações, que aguentaram sem profundas alterações de fundo durante mais de sessenta anos, o Liceu Nacional de Sá de Miranda exerceu profunda e duradoira influência cultural nos distritos de Braga e de Vila Real, não só educando e instruindo os seus jovens como fornecendo ao país distintos professores universitários, engenheiros, médicos, arquitetos, etc.

* Adaptação com supressões do texto homónimo publicado em "1836/1986 Lyceu Nacional de Braga"

JI de Adaúfe

Filomena Sousa e Manuela Leite *

O Jardim de Infância de Adaúfe situa-se na Avenida Imaculada Conceição, na freguesia de Adaúfe. Dista aproximadamente 5km da cidade de Braga. É uma freguesia com características semiurbanas, com boas acessibilidades quer para os transportes públicos, quer privados.

De acordo com os registos existentes, no livro de atas, a primeira reunião de Encarregados de educação desta unidade educativa, que tinha na altura a designação de Jardim de Infância de Romil, realizou-se a 15 de outubro de 1985.

O J.I não possui instalações construídas de raiz. Funciona nas instalações da antiga Junta de freguesia de Adaúfe, ocupando o piso intermédio do edifício, num nível inferior à estrada. Tem duas salas de atividades letivas, de dimensões reduzidas para o número de crianças. Têm boa luminosidade e arejamento e estão bem equipadas de material didático e de apoio ao desenvolvimento da prática letiva. Possui uma sala para acolhimento das crianças e para as atividades da sala de animação e de apoio à família (AAAF). Um refeitório onde decorrem os lanches e o almoço, igualmente com um espaço reduzido o que dificulta a circulação das crianças e dos adultos que acompanham e supervisionam as refeições. Existe, apenas, um bloco sanitário com duas sanitas e dois lavatórios para crianças e um W.C. para adultos. A exiguidade deste espaço, para 35 crianças, dificulta as rotinas de higiene e a escovagem dos dentes.

O recreio exterior, num nível ainda inferior às salas, é grande e vedado. Tem árvores de sombra, caixa de areia, alguns equipamentos de brincadeiras, um bloco W.C e uma arrecadação. A unidade educativa beneficiou de obras ao longo destes anos contudo, não suficientes para colmatar as barreiras arquitetónicas e as deficiências de não ser uma construção de raiz para um edifício escolar.

O J.I, para além das atividades letivas, proporciona o serviço de almoço, de prolongamento de horário no período da manhã e da tarde, bem como, expressão motora, expressão musical e a dança nas atividades da AAAF.

* Professoras

EB1/JI de Crespos *

A nossa escola fica situada na freguesia de Crespos. Não somos muitos alunos, mas isso também não é mau porque nos conhecemos todos e, quase sempre, somos todos amigos. Só de vez em quando é que discordamos um pouco da opinião uns dos outros, mas tudo se resolve.

É uma escola normal como tantas outras que há por este país fora. Com coisas boas e más. Mas as más são pouquinhas. Falta apenas um recreio mais adequado para podermos jogar à bola e fazer outras brincadeiras e um sítio para brincarmos quando chove. Ora bem... também podíamos ter mais computadores pois ouvimos dizer que estamos na era da tecnologia. Fora isso, sentimo-nos aqui muito bem.

Alguns dos nossos pais e até avós andaram aqui a estudar e quando lhes perguntamos como era a escola no tempo deles, quase todos só responderam que era muito diferente da escola de hoje. Não ficamos a perceber muito bem se era melhor ou pior, mas isso não importa porque a escola do presente, a nossa escola, é muito fixe.

Os professores também nos perguntaram como é que achávamos que seria a escola no futuro e alguns disseram que gostavam que houvesse robôs e carrosséis como nas festas populares. Até teve muita graça mas, por mais que inventem coisas novas, a nossa escola será sempre espetacular porque aqui somos felizes.

* Os alunos da EB/JI de Crespos

EB1/JI Bracara Augusta

A escola é linda!

É enorme, pintada de um branco de paz, tem imensas janelas que são enfeitadas na primavera, com coloridas floreiras que exalam alegria e cor. Duas portas de madeira resistentes e firmes que se abrem num sorriso acolhedor quando chegamos todos os dias à nossa escola.

É comprida, tão grande como uma baleia! Ao longo do seu comprimento tem um curto canteiro que a calça como umas sandálias de cor primaveril.

A nossa escola é um sábio, mascarada em dia de carnaval, é ela que nos ensina muitos saberes pequenos e grandes, mas todos muito úteis para que nós sejamos um dia adultos felizes e capazes de desempenhar papeis interessantes e ajustados às nuances que o futuro nos reserva.

Guarda no sótão das tuas curtas memórias a chave da tua escola E sempre que precisares de uma solução para a tua vida, pega na chave, abre a porta da tua escola que ela terá sempre um bom conselho para te alegrar.

A minha escola *

Em Setembro para a escola me dirigi
Onde aprendi a ler, a escrever
E muitos amigos conheci.
Cantei e dancei com os avós
E aprendi a escolher os alimentos.
Fomos alunos fomos atores
E viajamos através das nossas histórias.
O frio trouxe a caruma e com ele o tempo das castanhas
Houve tempo de recreio
e no Natal choramos com o "Arlo"
Num dia especial com muitos presentes
Chegou o Pai Natal
Visitamos museus.
Assistimos a um recital
e desfilamos no Carnaval
Na nossa escola não se vive só de ler
E escrever...
Também nos proporciona momentos de lazer.

* Mariana Ferreira

No dia da alimentação
Na escola festejamos
Todos juntos com alegria
Uma sopa preparamos.

Ana Catarina

Quadras soltas da minha escola

Na escola Brácara Augusta
Na festa do primeiro dia
Fui batizada pela professora
Foi uma grande alegria

Ana Catarina

Uma festa na escola
Para os avós vou cantar
Entre músicas e teatro
Juntos vamos celebrar.

Bárbara

No Carnaval fui de fada
A minha cara era engraçada
Eu quero rir à gargalhada
Ao ouvir contos de fada.

Matilde

A minha escola é catita,
Dá-me muita atividade.
Aprendo com muita pinta,
Aprendo muito de verdade.

Rodrigo

EB1/JI de Pousada
A história da nossa escola *

A nossa escola chama-se E.B.1/JI de Pousada e está inserida numa linda paisagem rural da União de freguesias de Pousada e Crespos. Mesmo em frente à escola podemos ver o majestoso Solar da Pena e sobre o rio Cávado temos a medieval Ponte do Porto.

A escola foi edificada no ano de 1983. Nessa altura tinha três salas de aulas, um auditório, duas casas de banho e uma cozinha. Em 2001 foi construído o Jardim de Infância com três salas, casas de banho, cantina e um parque infantil. No ano de 2006 a nossa escola foi requalificada, fizeram algumas obras e foi construída mais uma sala, um espaço coberto e um campo polidesportivo.

A minha escola é bonita, está cheia de árvores de folha caduca e tem muito espaço verde onde podemos brincar e jogar. Somos muito felizes na nossa escola!

* Os alunos do 2º ano

Escola Básica de Palmeira

História

A Escola Básica de Palmeira foi criada através da Portaria n.º 791/86 de 31 de Dezembro, tendo sido inaugurada no ano de 1987 e situa-se na freguesia de Palmeira.

A freguesia de Palmeira localiza-se na orla setentrional do concelho de Braga (noroeste de Portugal continental) distando a norte da sede concelhia cerca de 2 km e ligando-se a ela principalmente através das Estradas Nacionais 101 e 201 e a variante com características de via rápida que liga Braga a Ponte do Lima.

A freguesia de Palmeira é uma das 62 freguesias que compõem o concelho. Possui uma área de cerca de 8,72 km2 e o seu território alonga-se no sentido norte-sul, confrontando com os concelhos de Vila Verde, a noroeste, e com o de Amares a Nordeste. É delimitada a Leste e sudeste pela freguesia de Adaúfe, a sul pelas freguesias de S. Vicente, a sudoeste por Dume, e a oeste por S. Pedro de Merelim e S. Paio de Merelim.A primeira designação da escola foi a de Escola C+S de Palmeira e recebia alunos de Palmeira, Adaúfe, Dume, Santa Lucrécia e Navarra. Começou com uma frequência de 698 alunos e esse número aumentou, atingindo

o máximo de 1043 alunos em 1992-1993.A escola situa-se na Rua Cimo de Vila, lugar de Pintancinhos, numa zona suburbana de paisagem ainda com aspeto rural mas, ao mesmo tempo, com muitos indícios de aceleração do processo de urbanização que está a trazer alterações demográficas.

Mais tarde, em 1998-1999, de acordo com o Decreto-lei n.º 115/98, a Escola agrupou com as escolas do 1.º ciclo e ficou a denominar-se Agrupamento de Escolas de Palmeira e Adaúfe. O Agrupamento foi reconfigurado por Despacho do Diretor Regional de Educação do Norte, em 26 de junho de 2003, passando a ser uma forma de rede escolar dos estabelecimentos de ensino das freguesias de Palmeira, Adaúfe, Dume, Navarra, Crespos, Pousada e Santa Lucrécia de Algeriz, tendo a EB 2,3 de Palmeira ficado como sede de agrupamento.

Instalações

Trata-se de uma escola de tipologia T24 composta por 3 pavilhões. Destacam-se como principais espaços a Biblioteca, Secretaria, Papelaria/reprografia, Salas

de Informática (2), Sala de atendimento aos Encarregados de educação, sala dos Diretores de Turma, Pavilhão Gimnodesportivo, Balneários, Gabinete/ sala de Educação Especial, Serviços de Psicologia, Gabinete de Apoio ao Aluno, Salas de aulas, Refeitório, Bufete, Campo de jogos, Sala de professores, Sala de assistentes, Estufa e Espaços Verdes.

O espaço escolar tem espaços de recreio com áreas verdes e campos de jogos. Nasceu inicialmente sem pavilhão desportivo e esta infra-estrutura, construída durante o ano letivo de 2000/2001, entrou em funcionamento no começo do ano letivo 2001-2002.

COMO SENTIMOS A ESCOLA

A visita à Escola Sá de Miranda

Quando entramos na escola Sá de Miranda conhecemos duas adolescentes maravilhosas e simpáticas, a Ana e a Gabriela do 10º ano. Foram elas que nos guiaram durante todo o dia pela escola Sá de Miranda.

Começamos o dia no laboratório de Física e Química, entregaram-nos uma folha, onde tínhamos de registar a solução para uma experiência que a professora apresentou. Ainda tivemos de descobrir o peso de vários objetos.

Entretanto, fomos para a cantina lanchar, um pão e um sumo oferecido pela Escola Sá de Miranda.

A seguir, levaram-nos para a biblioteca, onde conhecemos a professora Helena, que nos contou uma adivinha. Entretanto deslocamo-nos a uma biblioteca mais antiga, aí vimos muitos livros e imagens antigas.

A atividade seguinte, foi uma aula de Geografia, numa sala que tinha muitos mapas, globos, etc. Nesta aula, realizamos jogos sobre os rios, serras e continentes.

Antes de almoçarmos, estivemos numa sala com computadores, onde preenchemos um questionário sobre a avaliação da escola.

Terminada a manhã, almoçamos na cantina, frango com massa que estava delicioso.

No fim do almoço, convivemos na sala do aluno, enquanto esperávamos pelas atividades da tarde.

A primeira atividade foi uma aula de Ciências, em que uma professora explicou o Ciclo da Água e mostrou um filme sobre o mesmo tema.

A seguir, fomos ao museu, conhecer o sr. Óscar (um crocodilo), vimos muitos animais embalsamados, esqueletos, cartazes, quadros e observamos por um microscópio.

Por fim, vimos um filme do Harry Potter, enquanto esperávamos pela camioneta.

Foi um dia comprido e cansativo mas muito divertido.

* Ana do Mar, Ana Francisca e Joana Rocha (alunas do CR4)

No dia vinte de janeiro, a turma do 4º ano da escola básica de Pousada, fez uma visita à escola secundária Sá de Miranda, na cidade de Braga.

A nossa turma estava muito entusiasmada porque não conhecíamos esse estabelecimento de ensino. Sabíamos que íamos observar e aprender muitas coisas novas e interessantes. O meio de transporte utilizado foi um autocarro, que também levou outros alunos de escolas do nosso agrupamento.

Quando lá chegamos, fomos recebidos pela diretora do agrupamento e por duas guias que nos iriam ajudar durante a visita. Foram todas muito simpáticas!

A nossa primeira atividade foi uma aula de geografia. Fizemos um jogo muito divertido. Consistiu em adivinhar ilhas dos arquipélagos Portugueses e também sobre os continentes e oceanos.

De seguida, fomos visitar o museu, onde havia muitas aves embalsamadas, esqueletos humanos e um porteiro muito engraçado, o crocodilo "Óscar". Também usámos o microscópio para observar diversas partículas de animais e flores.

A atividade seguinte foi visitar as

bibliotecas. Existem duas bibliotecas no estabelecimento. A primeira biblioteca é muito antiga e tem muitos livros, alguns deles antiquíssimos! Aí, a professora responsável leu-nos uma história muito divertida. A segunda biblioteca é mais moderna, com computadores e imensos livros. Nesta biblioteca, respondemos a adivinhas.

Almoçamos numa cantina enorme e cada um de nós tinha um tabuleiro. O almoço estava delicioso!

Na parte da tarde, fomos assistir a uma aula de Matemática, onde fizemos alguns exercícios e resolvemos situações problemáticas. A última aula foi de Ciências. Nessa aula realizamos uma experiência com água e assistimos a um vídeo sobre o ciclo da água.

Também tivémos momentos de diversão no jardim da escola. É muito grande e bonito! Existe um recinto coberto com mesas de ping-pong e de matraquilhos.

No final da visita, visionamos um filme do "Harry Potter". Já estávamos um pouco cansados, mas muito satisfeitos com a visita. Foi uma experiência muito boa e gostaríamos de repeti-la!

* A turma 3+4 da EB1 de Pousada

Logo à chegada ficámos um pouco intimidados com o tamanho da Escola Sá de Miranda, mas também muito curiosos com as atividades que ali iríamos fazer. Ao longo de todo o dia fomos passando por diferentes salas onde pudemos "viver" diversas aulas. Começámos pela disciplina de Matemática e depois de Físico-Química, onde fizemos jogos e experiências. Depois fomos para uma aula de Geografia, onde falámos do Sistema Solar e fizemos um jogo interativo sobre os distritos de Portugal. Visitámos a Biblioteca nova e a antiga, onde ficámos espantados com a quantidade de livros que possui e onde tivemos oportunidade para ouvir leituras, ver e mexer em livros e documentos muito antigos. A última aula foi de Ciências, no Museu, onde à entrada fomos recebidos pelo crocodilo Óscar. Aqui pudemos simular o ciclo da água na Natureza, observámos e ficámos a conhecer imensos animais.

Foi um dia de atividades em cheio, numa escola diferente da nossa, mas que também é "nossa"!

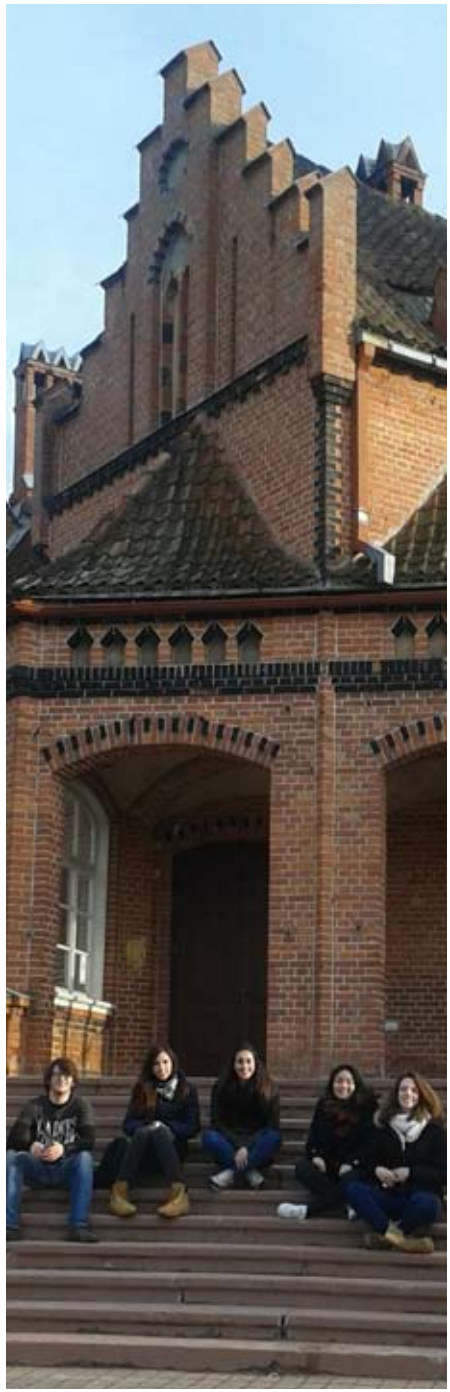
* Escola EB1/JI Brácara Augusta (Turma BCR4)

Foi no dia 27 de janeiro que a nossa turma teve aulas deslocadas na Escola Sá de Miranda, onde estivemos todo o dia. Lá fizemos muitas coisas divertidas: vimos o museu, as bibliotecas (uma delas muito antiga), tivemos aulas e também brincámos. O almoço foi servido no refeitório e estava muito bom! Foi, sem dúvida, um dia muito bem passado, seria bom repeti-lo!

* EB1 do Coucinheiro

Portugal-Letónia

Gaspar Neves



Letónia, o país onde estive no âmbito do projecto Comenius. Portugal, o país onde estou. Nunca vi tanta diferença e tanta semelhança em países com culturas tão diferentes e parecidas ao mesmo tempo. Por vezes lá estamos em casa, por vezes cá estamos lá.

Num país pequeno onde apenas existem 2 milhões de habitantes, é normal que todos se conheçam. O mesmo não sucede num país, embora também pequeno, onde habitam 10 milhões de pessoas, algo para mim uma situação estranha. De facto, penso que tudo parte do sistema educacional. Não há barreiras. Exatamente como disse. As escolas letãs não têm barreiras. Edifícios separados formam uma escola. Edifícios separados com alunos de todas as idades, no mesmo "campus" formam uma comunidade. Os jovens são encorajados, desde pequenos, a servirem de braço direito aos outros, a conviverem tanto com mais novos como com os mais velhos. Os alunos do secundário organizam pequenos eventos para os mais novos de maneira a que sejam integrados no seu ambiente. Bullying? Pouco ou nada mesmo.

Em Tukums - região onde estive - há marginais, há assaltos e alguma pobreza, mas raramente se ouve falar de violência entre jovens da mesma escola dentro ou fora do recinto. Os professores ajudam nessa formação, e o sistema também, tendo em conta que aproveitam os espaços verdes (são muitos, e bem bonitos) para diversas atividades (biologia, química, educação física) e também ensinam artes manuais, como carpintaria, culinária ou croché, atividades que, realizadas em grupo, promovem e reforçam laços de companheirismo, tendo em conta que funcionam como "quebra gelo" depois de uma manhã/tarde de trabalhos em disciplinas comuns. Devíamos aprender com eles. Formamos cada vez mais jovens, trabalhamos cada vez mais em estudos académicos e deixamos de lado toda uma competência social e cultural que não deixamos pela Europa (em conversa com alunos de países como Itália, Espanha, Lituânia, Estónia, Alemanha, etc. apercebi-me disso). Precisamos de evoluir, mas não é só em estudos académicos.

Portugal precisa de aprender que, se quer estar dentro da caixa, pelo menos devia aprender a mudá-la de vez em quando.

Sá de Miranda

Gaspar Neves *

Sá de Miranda: o liceu de ontem e o agrupamento de hoje. O Liceu cresceu, tornou-se uma Secundária e posteriormente um Agrupamento. Com ele cresceram gerações de alunos, professores, pais e funcionários, crescimento que se dá até aos dias de hoje. De tão apaixonados que são pela escola, alguns ex alunos colocaram os seus próprios filhos no antigo Liceu. Há linhagens inteiras de famílias a frequentar esta instituição. O Agrupamento de Escolas Sá de Miranda, concretamente o Liceu/Secundária Sá de Miranda é uma família muito bem ramificada, sem sangue nem nome, mas com identidade própria. Não há calculadora gráfica capaz de suportar o número de experiências vividas naqueles muros, não há caderno que aguente as histórias que lá se passaram. A escola que eu, o Presidente da Associação de Estudantes, frequento, normalmente designada pelos alunos de Braga como "O Museu", faz valer o seu cognome com todo o orgulho, pois não há Secundária com tantos acontecimentos concentrados num só sítio como o nosso "Sá".

Eu, Gaspar Neves, juntamente com mais alguns elementos da Associação de Estudantes, frequento esta "casa" desde o 7º ano de escolaridade (atualmente no 12º), algo que os meus pais e avós também fizeram, sendo que se criaram raízes demasiado profundas nas paredes do "Museu" incapazes de me fazer trocá-las por outras paredes quaisquer.

Muitas caras vi nos corredores, muitos cumprimentos, beijos, abraços, conversas e asneiras eu vi nos corredores, nos claustros, cerca, laboratórios e bar, acompanhei conquistas e derrotas dos alunos nas suas batalhas diárias, conquistas e derrotas de professores e direção, bons e maus momentos de todos. Acompanhei algumas gerações de alunos, e orgulho-me disso. Se tivesse de me matricular em alguma escola, jamais pensaria duas vezes. Hoje, enquanto porta-voz dos estudantes, orgulho-me em dizer que a minha escola, a minha instituição e segunda casa é mais do que cimento e tijolo. Mais do que relva, árvores e granito, A minha escola é mais que um museu. Orgulho-me de representar os alunos e as ideias com que sempre me debati e de ver crescer a olhos vistos o nome de Sá de Miranda.

O futuro somos nós que o fazemos, como tal espero continuar a ter um corpo sólido de estudantes, pais e professores capaz de fazer este nosso futuro próspero e sorridente por mais 180 anos como tem sido até hoje.

* Presidente da Associação de Estudantes

"A minha escola"

Daniela Ferreira *

A escola Sá de Miranda já me acolhe, diariamente, há mais de um ano.

Nesta escola já passei por momentos bons e maus. Já fiz amizades que sei que ficarão para a vida!

A escola deve ser um local onde nos sintamos confortáveis, pois passamos mais tempo na escola do que na nossa própria casa. Na escola, tenho pessoas fantásticas ao meu redor! Mas, nem tudo é perfeito e a escola não é uma exceção.

O Sá é uma escola incrível mas tem aspetos a melhorar. Do meu ponto de vista, os cacifos são demasiado pequenos para partilhar por três pessoas e o encaixe do cadeado é de fácil abertura, o que permite possíveis roubos.

Incomoda-me o facto de estarmos sempre a subir e a descer as escadas com as mochilas a abarrotar. O meu curso profissional não tem sala fixa e passamos o tempo com a tralha às costas a saltar de piso. Sofro imenso com dores nas costas por causa da mochila.

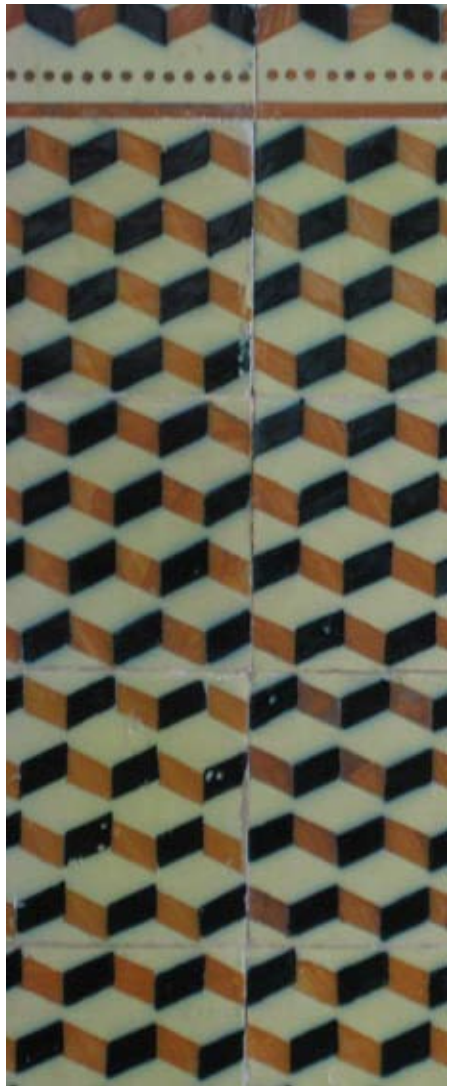
Penso que, dada a quantidade de alunos, a cantina é um pouco pequena para almoçar, embora o espaço esteja melhor do que o ano passado. O local tem pouca luz. Ao fim do dia, o bar tem pouca oferta.

Incomoda-me também que as casas de banho estejam fechadas pois, por vezes, temos de usar as de outro piso. Os PC da biblioteca já tiveram melhores dias, não consigo aplicar a matéria de TIC usando aqueles computadores. E nem sempre é possível fazerem-se trabalhos.

Na biblioteca nem sempre se cumprem os horários de fecho e na sala de artes não se ouve o toque de saída. Os materiais de artes também não são de qualidade e precisam de ser substituídos.

Apesar das coisas menos boas, penso que é muito positivo que envolvam os alunos nas várias comemorações e eventos disponíveis. Estou satisfeita com o meu curso (apesar da excessiva carga horária), com os Funcionários e Professores.

Gosto bastante da minha escola, do seu ambiente e não me arrependo de a ter escolhido!



* Aluna do 1P3

Um olhar sobre a escola

Alunos do 9º E

Quando penso na escola, penso em aulas e amigos. Porém, ela é mais que isso. É a aprendizagem de que precisamos para a vida futura. Também pode ser uma aventura, se quisermos considerar cada disciplina

Li Xinyao

Infelizmente, nos dias de hoje, para muitos, a escola não passa de uma obrigação. As aulas são a imagem do desinteresse e da desmotivação. Pessoalmente, encaro a escola com carinho e vejo-a como a instituição que me preparará para uma futura profissão.

Joana Daniela

Os nossos pais dizem-nos sempre "Ainda vais ter saudades da escola!" e, aí, nós pensamos "Será!?".Talvez a resposta não venha já, mas, por enquanto, é aproveitar!...Acho que nenhum de nós é capaz de admitir que gosta da escola, mas a verdade é que na escola há sempre alguma coisa de que gostamos…

Andreia

Na escola, aprendemos a lidar e a conviver com pessoas de quem não gostamos, porque, nela, encontramos todo o tipo de pessoas. E, dessa forma, a escola está a preparar-nos para a vida lá fora.

Joana Catarina

No fundo, a escola ensina a tornarmo-nos pessoas melhores e mais preparadas para o que vier. Nela, descobrimos os nossos defeitos, as nossas qualidades, as nossas inseguranças…E é na escola que tomamos as decisões mais difíceis, quer a nível das amizades, quer a nível profissional.

Bárbara

Quando deixarmos a escola, haverá muitos momentos que iremos relembrar e, nessa altura, um turbilhão de sentimentos virá ao de cima. O coração apertará, quando, subitamente, percebermos que não podemos voltar atrás. E, então, todos esses momentos ficarão, a sós, com a nostalgia.

Sara

A escola é feita de bons e maus momentos, de amigos e inimigos, de choro e de risos. A ela, devemos grande parte daquilo que sabemos e do que somos.

Inês Melo

Para quê falar das nuvens, se posso falar do sol? A escola não deve ser um lugar que odiamos, mas antes aquele onde nos sentimos livres e felizes…

Inês Ferreira

Die Schule

12º klasse eins und sechs *

Hallo! Wir besuchen die 12º klasse in diessem Gymnasium- Sá de Miranda, in Braga. Die Schule ist groß, neu, sauber aber kalt. Die klassenräume sind groß, hell, sauber aber kalt. Unser schulhof ist sehr schön. Er hat viele Bäume, Blumen und ist sehr groß. Die Bibliothek ist modern und angenehm. Unsere Bibliothek hat Bücher, die sehr alt sind, und sehr reich.

Unsere lieblingsfächer sind: Biologie, Chemie, Portugiesisch, Englisch und Sport. Unsere Lehrer sind nett, kompetent und ansprunchsvoll.

Wir lernen Deutsch eins-für anfänger und finden nicht so schwer. Wir wissen schon etwas Deutsch.

* Liliana Baptista, Nadine Sá, Ana Pontes, Vera Gomes, João Noversa, Inês Lameira, Sara Iommarini

Hier ist B2,3, Palmeira !

klasse 8º 1 *

Wir besuchen die achte Klasse in B2,3 Palmeira und lernen Deutsch eins für anfän ger. Deutsch ist nicht schwierig. Unsere Schule ist klein und angenehm. Wir gehen gern in die Palmeira Schule. Hier sind alle nett.

Name: Ana Sá, Ruben Silva, Ema Gomes, Tiago Lago, Andreia Oliveira - klasse 8.

Die Schule

Hallo! Wir heißen André, dreizehn Jahre alt und Diogo, vierzehn Jahre alt. Wir besuchen die achte klasse hier in Gymnasium Sá-de-Miranda.

Die Schule ist groß, neu und hell. Der schulof ist groß, schön und hat viele Bäume und Blumen. Die Bibliothek ist neu, modern und angenehn. Sie hat einige Bücher die sehr alt und reich sind.

Unsere Lieblingsfächer sind Portugiesisch, Physik und Chemie. Wir gehen gern in die Schule Sá-de-Miranda.

Wir besuchen Deustsch eins für anfänger und wir finden es nicht schwierig.

* André Vilaça und Diogo Oliveira

Die Schule

Klasse 11.º 9

Hallo! Ich heiße Lara Azevedo. Ich komme aus Braga, Portugal, und wohne in S.Vitor. Ich habe siebzehn Jahre alt, und ich bin Schülerin.Ich besuche die 11ºKlasse einem Gymnasium Sá de Miranda, in Braga, Portugal. Ich gehe gern in die schule- Sá de Miranda.

Hallo! Ich heiße Catarina Vieira und habe sechzehn Jahre. Ich komme aus Braga, Portugal, und wohne in S.Vitor. Ich bin Schülerin.Ich besuche die 11º Klasse einem Gymnasium Sá de Miranda, in Braga, Portugal. Ich gehe gern in die Schule- Sá de Miranda.

Meine Lieblingsfächer sind Portugiesisch, Englisch, Geschichte und Philosophie.Wir besuchen "Deutsch eins für anfänger"– außer unterricht, und wir haben schon sehr viel gelernt. Wir finden die Deutsche Sprache nicht schwierig. Wir studieren Sprachen. Die Schule ist groß und hat viele klassenräume. Der Schulhof hat viele Bäume und ist sehr, sehr schön. Die Bibliothek ist schön und hat viele Bücher, die sehr alt und sehr wichtig sind.

Hallo! Ich heiße Natália Azevedo. Ich komme aus Braga, Portugal, und wohne in S.Vitor. Ich habe achtzehn Jahre alt, und ich bin Schülerin. Ich besuche die 11ºKlasse einem Gymnasium Sá de Miranda, in Braga, Portugal. Ich gehe gern in die Schule- Sá de Miranda. Meine Lieblingsfächer sind Portugiesisch, Englisch, Geschichte und Philosophie. Wir besuchen "Deutsch eins für anfänger"– außer unterricht, und wir haben schon sehr viel gelernt. Wir finden die Deutsche Sprache nicht schwierig. Wir studieren Sprachen. Die schule ist groß und hat viele klassenräume. Der Schulhof hat viele Bäume und ist sehr, sehr schön. Die Bibliothek ist schön und hat viele Bücher, die sehr alt und sehr wichtig sind. Hallo! Ich heiße Ângela Martins. Ich komme aus Barcelos, Portugal, und wohne in Pousa. Ich habe siebzehn Jahre alt, und ich bin Schülerin. Ich besuche die 11ºKlasse einem Gymnasium Sá de Miranda, in Braga, Portugal. Ich gehe gern in die Schule- Sá de Miranda. Meine Lieblingsfächer sind Portugiesisch, Englisch, Geschichte und Philosophie. Wir besuchen "Deutsch eins für anfänger"–außer unterricht, und wir haben schon sehr viel gelernt. Wir finden die Deutsch Sprache nicht schwierig. Wir studieren Sprachen. Die schule ist groß und hat viele klassenräume. Der Schulhof hat viele Bäume und ist sehr, sehr schön. Die Bibliothek ist schön und hat viele Bücher, die sehr alt und sehr wichtig sind.

O que gosto mais de minha escola

Diana Catarina Gonçalves Pelho e Filipa Daniela Ribeiro Martins *

Há escolas e escolas. Existem escolas onde ninguém pode fazer o que quer, onde não se pode fazer nada. Mas a nossa escola é diferente.

Quando entramos na escola, às 8 da manhã, o que pensamos? Bem, na primeira aula, que costuma ser sempre português, vamos dormir, ou porque vai ser uma "seca", ou porque na noite anterior estivemos no computador, no telemóvel ou a ver televisão até tarde.

Quando chegamos à sala, não fazemos nada e pensamos "que as aulas são uma chatice e que nada do que estamos a aprender vai ser preciso para o futuro". Pois, hoje em dia, os meninos querem ser jogadores de futebol e as meninas querem ser modelos ou atrizes. Mas a "chance" de isso vir a acontecer é apenas de 10%. Lá, no fundo, nós sabemos que, para termos um futuro brilhante, temos de lutar e estudar e é para isso que a escola serve.

Todos nós nos queremos livrar da escola depressa, queremos que acabe o mais rapidamente possível, mas quando crescermos, quando tivermos um emprego e uma família para sustentar, vamos recordar-nos dela, vamos recordar-nos dos momentos mais simples e dos mais complicados que lá passamos, dos alunos que faziam das aulas as partes mais divertidas do dia, dos alunos mais "nerds" que se sentavam sempre na primeira fila, dos rapazes mais infantis, daqueles rapazes mais giros, das nossas melhores amigas que sabiam tudo sobre nós, dos nossos melhores amigos que nos roubavam sempre a comida, daqueles que não tinham dinheiro no cartão escolar e, então, andavam "feitos mendigos" a pedir algo, das nossas inimigas que nos tentavam roubar os namorados e do ar arrogante delas. E, então, vamos sentir uma enorme saudade e vamos aperceber-nos como tudo foi tão bom e como passou tão depressa.

Mas, falemos da nossa escola - a EB 2-3 de Palmeira, que há pouco tempo começou a pertencer ao agrupamento Sá de Miranda.

Para começar, o espaço é bom, temos lugares para tudo o que quisermos fazer: para jogar futebol, para pensar, para nos divertirmos, para falar e para estudar.

Os professores, bem, o que vamos dizer sobre eles? Há-os simpáticos, cujas aulas são divertidas e o tempo passa a correr, mas há outros que, quando entram na sala de aula e olham para nós, percebemos logo que a aula não vai ser muito agradável...

Quanto aos funcionários que trabalham na nossa escola, também os temos simpáticos, que partilham connosco as suas histórias e que demonstram um carinho enorme por nós.

Na passagem por esta escola, vão existir sempre momentos que, de certeza, um dia mais tarde vamos recordar como verdadeiras aventuras: os filmes da biblioteca que vimos quase todos, aqueles dias em que a comida não era a melhor e então íamos ao bar para almoçar, aquelas chatices com os funcionários, quando não nos deixavam ir à casa de banho ou até mesmo as mesas de "ping-pong", pois, em cada uma delas, temos sempre uma história diferente para contar.

Foram cinco anos nesta escola e foi nela que aprendemos muita coisa, foi onde ultrapassamos os maus momentos da vida, foi nela que fizemos grandes amizades, foi nela onde passamos a maior parte do nosso tempo.

Tivemos momentos maus, como as notas dos testes, as discussões que tivemos com as pessoas de quem menos gostamos, mas, também, tivemos momentos de muita alegria, felicidade e risadas, como as quedas que nós demos, as risadas nas aulas, quando só dizíamos asneiras, etc. São estes momentos que vão ficar na nossa memória e que, um dia, poderemos recordar com os nossos parentes e amigos.

Para nós, a nossa escola é a melhor escola do mundo, tanto a nível educativo como a nível pessoal. É como uma segunda casa, uma segunda família, pois é nela que passamos mais de metade do nosso tempo e é graças a ela que somos quem somos e quem, um dia mais tarde, seremos.

* Alunas da turma A do 9º ano

Trabalho realizado no âmbito do projeto *Esculturas Mágicas*, dos PV's.

Por que gosto da minha escola

Jardim de Bracara Augusta
Sala BCR 1

Os meninos do jardim-de-infância de Bracara Augusta sala BCR1 têm uma Escola da qual gostam muito porque "aprendemos Regras e boas maneiras."

A fazer Arte com os nossos trabalhos; bonecos de neve, máscaras de carnaval

Poesia

Ler histórias.

É a Escola que nos ensina a viver e onde brilha a luz do Saber!

Fazemos festas com muita Alegria, vamos crescendo!

Aprender, Saber, Crescer, Viver em harmonia!

A Escola é importante porque tem bons Professores que ensinam os meninos e meninas a serem os Adultos de amanhã.

Também gosto da minha Escola porque os nossos familiares podem vir à sala fazer atividades como, por exemplo, ler histórias, fazer bolos sumos e outras coisas bonitas.

Também damos alguns passeios, como no outro dia fomos ao café ler uma poesia sobre a Amizade.

Este trabalho foi realizado por todos os meninos da sala. O grupo dos cinco anos, dos quatro e dos três anos.

A minha escola é

JI de Adaúfe – grupo 1

Bonita. Tem muitos materiais para trabalhar e brincar. (Bruna)

Bonita. Tem muitos materiais para trabalhar. Tem muitos amigos e pessoas educadas. Adoro a professora. (Bruno)

Bonita. É fixe porque tem muitos materiais. (Dinis)

Bonita. (Eva)

Engraçada, é gira. Tem muitas coisas, livros, plasticina, legos. (Francisca)

Bonita. Tem muitas coisas. É grande, tem recreio. (Gabriela)

Espetacular, porque tem muitos brinquedos (Gonçalo)

Bonita. Tem brinquedos, tem materiais para desenhar, tem plasticina, tem áreas de trabalho, tem legos. (Guilherme)

Bonita. Tem muitos materiais para brincar e para fazer trabalhos. (Inês)

Bonita, porque tem muitos desenhos, muitos trabalhos e muitas áreas. (Joana)

Espetacular! Tem muitos materiais na área das construções e nas outras áreas. É muito divertida e engraçada. (Leonor)

Bonita. Tem muitas cores e tem muitos amigos. (Luísa)

Bonita. Tem muita luz e fazemos trabalhos bonitos. (Maria)

Bonita, tem legos, tem carrinhos. (Pedro A.)

Bonita. Tem materiais bons. É grande. É divertido andar cá. (Pedro S.)

Grande. Tem legos. Tem muitos amigos. (Simão)

Gosto:

De ter amigos, de ler, de brincar. Gosto também de aprender coisas novas. (Bruna)

Dos amigos, de brincar no recreio. Gosto das professoras, de brincar nas áreas e de desenhar. (Bruno)

De brincar com os amigos. Também gosto de pintar, também gosto de brincar com legos e também gosto de brincar no recreio. Gosto de aprender canções e de aprender a fazer ginástica. (Dinis)

De brincar com os amigos. Brincar nas áreas. Também gosto de fazer jogos, ler livros e também gosto de aprender coisas novas. (Francisca)

Da escola, do recreio e de brincar em todas as áreas. (Gabriela)

De brincar com os amigos. Gosto dos meus amigos. Gosto muito de ir para o recreio e também para a área das construções. (Gonçalo)

Muito desta escola. Gosto das áreas de trabalho. Da área dos jogos, da pintura e da área das experiências e também da área da casinha. (Guilherme)

Muito da casinha das bonecas, da área das experiências, da leitura, das construções. Gosto de desenhar e pintar. (Inês)

De livros, de pintar. (Joana)

De brincar com os amigos, de ir para o recreio e gosto de trabalhar nas áreas. (Leonor)

De brincar com as professoras, com os amigos. Gosto de comer na escola. (Luísa)

De todas as áreas de trabalho. Gosto de aprender coisas novas e de ter amigos. (Maria)

De brincar, de brincar no recreio. Também gosto de comer na escola. Gosto dos amigos. (Pedro A.)

Da área das construções, da casinha das bonecas, da área das experiências e dos jogos. Gosto de trabalhar com a professora. (Pedro S.)

De andar na escola, de trabalhar nas construções e de pintar. Gosto da casinha das bonecas. (Simão)

Não Gosto:

Que os amigos me batam. (Bruno)
Que façam barulho. (Dinis)
Que os amigos empurrem. (Eva)
Que o Gonçalo diga que é meu namorado e me dê beijos. (Francisca)
De ficar sem trabalhar. Ficarmos sentados quando nos portamos mal. (Gabriela)
Que não gostem de mim. As raparigas não gostam de mim porque ando sempre a dar-lhes beijos, mas não é por mal. (Gonçalo)
Que o recreio tenha caracóis. (Guilherme)
Que os amigos arrastem as cadeiras. (Inês)
De comer a sopa à refeição. (Leonor)
De trabalhar sozinha nas áreas. (Luísa)
De não fazer dança, não ir à música e à ginástica no jardim mas, tenho que ir para casa com o avô ou com a avó. (Maria)
Quando me porto mal e fico sem trabalhar. (Nádia)
De fazer pintura porque sujo sempre as mãos. (Pedro A.)
De comer peixe na refeição porque, na escola, não há molho verde como faz a minha mãe. (Pedro S.)
De tomar o leite no lanche da manhã no jardim. (Simão)

Gostava:

Que tivesse um salão de baile com orquestra e sempre música a tocar. (Bruno)

Que a área da leitura fosse enorme. (Dinis)

Que tivesse uma área da pintura muito grande para podermos pintar quadros grandes como do Museu Nogueira da Silva. (Francisca)

Que a sala fosse maior, que tivesse mais janelas, que fosse bonita. (Gabriela)

Que tivesse uma imagem do Spider man. (Gonçalo)

Que a área da leitura fosse grande. Que tivesse um sofá e muitas prateleiras para espalhar os livros. Os nossos estão muito apertados. (Guilherme)

Que a casinha das bonecas tivesse uma televisão e que a área da leitura tivesse um quadro com muitas borronas. (Inês)

De uma casinha das bonecas maior para ter sala com sofá, televisão e comando. (Leonor)

Que tivesse sempre música bonita e muitos instrumentos, harpa, piano, violinos e cantores. (Luísa)

Que a sala tivesse um quadro grande para escrever com giz. (Maria…)

Que tivesse uma biblioteca maior para ler em silêncio e ter espaço para espalhar os fantoches e os livros. (Nádia)

Que a escola fosse grande e que também tivesse uma mesa grande na área dos jogos. (Pedro A.)

Que a área das construções fosse grande para fazermos construções grandes e para não pisarmos as construções dos amigos. (Pedro S.)

Que tivesse cadeiras com o arco-íris. (Simão)

Palavras importantes na escola

Amigos

Amizade

Aprender

Atenção

Bom dia

Brincar

Escutar

Felicidade

Gostar

Obrigado

Partilhar

Por favor

Respeitar

Sorrir

Trabalhar

A nossa escola

A nossa escola tem
Duas salas de aula
Onde nós temos
Uma pequena jaula.

Essa jaula é
Da nossa periquita
Ela é bonita
E muito amiguita.

Beatriz Agrelos do 4º ano do Coucinheiro

A nossa Escola
A nossa escola é tão linda!
Como ela não há igual
Enche-nos de alegria
É a melhor de Portugal

Somos muito acarinhados
Aprendemos muito bem.
Os professores são amigos,
As auxiliares também.

Alunos do 3º ano do Coucinheiro

Na minha Escola sou feliz! Sou feliz quando brinco, trabalho e partilho brinquedos e histórias com os amigos todos.

Frase selecionada em grande grupo pelas crianças do JI de Pousada

Gosto da minha escola porque…

… gosto de ter amigos para brincar, gosto de fazer pinturas, colagens, desenhos, recortes, jogos, texturas e de ler livros de histórias! - Adriana, 4 anos

… tenho muitos amigos, porque sou muito feliz, faço desenhos, marco as presenças, corto com a tesoura, monto puzzles, pinto, canto e gosto muito que o meu pai e a minha mãe venham às festas da escola! - Alexandre, 5 anos

… gosto de ter amigos, de brincar com o triciclo, com os carros de jogar à bola e de fazer desenhos - Diego, 3 anos

… gosto de fazer desenhos, de marcar as presenças, de ler livros, de contar os números e brincar com muitos amigos! - Carolina, 5 anos

… tem muitos brinquedos, muitos puzzles, gosto do escorrega de fazer desenhos e de cantar! - Francisca, 3 anos

… ela é bonita! - Francisco, 4 anos

… gosto de ouvir histórias, poesias, de procurar rimas, fazer pinturas, desenhos e de brincar com os amigos. - Gabriel 4, anos

… faço desenhos, pinturas, tenho muitos colegas, gosto de brincar no recreio, de trabalhar nas áreas de atividades, e de fazer teatro de fantoches. - Inês, 5 anos

… gosto de brincar nas áreas de atividades, porque faço trabalhos, gosto de ir ao recreio para brincar no baloiço, na areia com os baldes e as pás e porque tenho muitos amigos para brincar! - Jorge Nuno, 3 anos

… tem áreas de trabalho, lápis bonitos, livros, jogos e muitos amigos para brincar e trabalhar juntos! - Iara, 5 anos

… tem muitos brinquedos, muitos amigos para brincar e aprendermos a ser e a estar sempre amigos! - Mafalda, 5 anos

Porque gosto da escola? Porque a escola é bonita, tenho amigos, gosto de ir para o recreio, gosto das áreas de atividades, gosto de fazer jogos e de fazer trabalhos. Também gosto muito de ouvir histórias e poesias e de descobrir rimas! - Mara 4, anos

… gosto da professora quando lê histórias ou poesias, gosto de contar os números, de registar o tempo, gosto do Bernardo, gosto de brincar nas áreas, no polivalente e no recreio! - Marco, 4 anos

… gosto de brincar nas áreas de atividades, de andar de triciclo, gosto

do escorrega, dos baloiços e gosto dos meninos! - Martim, 3 anos

… gosto de abraçar os amigos" Bernardo, 4 anos

… tenho muitos amigos e brinco nos baloiços, no escorrega e na casinha das bonecas. Gosto muito de fazer puzzles. - Maria Machado, 3 anos

… gosto de ir para as áreas de atividades, gosto do escorrega, gosto de pintar, de ler os livros de histórias e dos amigos. - Rodrigo Durães, 3 anos

… tenho baloiços, escorrega, muitos amigos para brincar e gosto de fazer desenhos! - Vicente, 3 anos

… fazemos ginástica, dança, experiências com sementes, água, aprendemos a cuidar da natureza e a sermos amigos! - Rodrigo Peixoto, 5 anos

… tem muitos brinquedos e triciclos. - Pedro, 3 anos

… gosto de ir para as áreas de atividades, de marcar as presenças, de ler livros de histórias e de poesias. - Renato, 4 anos

… gosto de fazer registos, desenhos, brincar, cantar e dançar e também gosto de ir para as áreas de atividades e de trabalhar nas mesas! - Maria Simão, 4 anos

… sou feliz e aprendo a ter uma alimentação saudável. - Leonor, 5 anos

JI da Presa-Adaúfe

A minha escola é um edifício que serve para aprender muitas coisas com a professora… gosto dela porque tenho chefes, pessoas, a professora e os meus amigos - Eduarda, 5 anos

A minha escola é uma casa onde estão os professores e os alunos e aprende-se. Gosto dela… e o mais importante é conversar com os adultos e amigos. - Leonor Mouta, 4 anos

Gosto, porque tem pintura, brinquedos, recreio e amigos. - Leonel, 5 anos

J.I. Bracara Augusta BRC 2

É onde trabalhamos para aprender a escrever e a pintar coisas - Inês

A fazer desenhos - Santiago

Aprendemos a fazer ginástica, a dançar, a brincar e a fazer jogos - Santiago e Inês

Aprendo a brincar sem discussão, a respeitar os amigos e os adultos e a falar à vez - Pedro

Aprendemos abecedário, a partilhar e a estar atento - Daniel

Ouvem-se e lêem-se histórias. Trabalhamos projetos e investigamos - Santiago e Daniel

J.I. Bracara Augusta BRC 2

A minha escola é um edifício que serve para aprender muitas coisas com a professora… gosto dela porque tenho chefes, pessoas e a professora e os meus amigos - Eduarda, 5 anos

A minha escola é uma casa onde estão os professores e os alunos e aprende-se. Gosto dela…e o mais importante é conversar com os adultos e amigos. - Leonor Mouta, 4 anos

Gosto porque tem pintura, brinquedos, recreio e amigos - Leonel, 5 anos

JI Bracara Augusta SH2

Quando entrei para a escola, tinha seis anos e estava muito ansioso.
No primeiro ano, conheci a professora Clotilde e fiz muitos amigos. Foi um ano importante, porque aprendi a ler e a escrever.
Agora, já tenho oito anos e estou no terceiro ano. Aprendi muitas coisas com a professora e o professor Paulo.
Eu gosto de ir para a escola, pois gosto das aulas, mas também gosto dos recreios, onde posso brincar com os meus amigos.
A escola, é como se fosse a minha segunda casa.

Diogo, aluno do 3.º ano da EB1 de Dume

A escola que frequento
Já teve algumas mudanças.
Aqui aprenderam a ler
Centenas de crianças.

Conhecida por Dume,
É de Braga a primeira.
Damos muito valor ao estudo
E também à brincadeira.

Nas traseiras, temos o recreio
Com campo de futebol
Onde todos se divertem,
Faça muito ou pouco sol.

Nesta escola encontrei
Aquilo que sempre quis,
Bons professores e amigos
Que me ajudam a ser feliz.

O meu nome é Hugo
Sou muito trabalhador.
Dou aqui o primeiro passo
Para um dia ser jogador.

Hugo, aluno do 3.º ano da EB1 de Dume

Eu na escola

Quando entrei tinha 6 anos
Era muito pequenina.
A minha professora era a Clotilde
Só que agora já não é minha.

Ando na escola E.B 1 de Dume,
Gosto muito desta escola.
No recreio vou brincar,
O lanche levo na sacola.

Quando passei para o 2º ano,
Os meus pais deram-me uma bicicleta.
Quando ando nela,
Pareço uma atleta.

Agora ando no 3º ano,
Tenho muito que estudar,
Os meus livros são pesados,
E tenho muita matéria para dar.

Inês, aluna do 3.º ano da EB1 de Dume

Eu na escola …
Sorrio, brinco, aprendo…
Conto histórias… números… amigos…
Olho o sol e sonho…
Lembro-me de quando…
Aqui cheguei… tudo novo…
Com receio
Olhava curiosamente.
Uns amigos conheci,
Continuamos companheiros.
Inseparáveis…
Nos jogos, nas tarefas, no estudo…
Há lugares especiais!
E a escola é um deles…
Inesquecíveis as brincadeiras no Recreio
Oh é a melhor escola do mundo!

Trabalho colectivo do 1º e 2º anos da
EB1 do Coucinheiro

Sorrio, brinco, aprendo…
Conto histórias… números… amigos…
Olho o sol e sonho…
Lembro-me de quando…
Aqui cheguei… tudo novo…
Com receio
Olhava curiosamente.
Uns amigos conheci,
Continuamos companheiros.
Inseparáveis…
Nos jogos, nas tarefas, no estudo…
Há lugares especiais!
E a escola é um deles…
Inesquecíveis as brincadeiras no
Recreio
Oh é a melhor escola do mundo!

J.I de Crespos

Poema:
a minha escola

A Escola dos nossos dias
É melhor do que a de antigamente:
Escrevemos em cadernos…
Cada livro é bem diferente!

Dentro da sala de aula
Partilhamos muita informação.
Quando a professora fala
Ouvimo-la com muita atenção!

A minha Escola é fantástica!
É onde eu gosto de aprender!
Tem novos livros e lindas cores
Para aumentar o meu SABER!

Afonso Almeida, 4º Ano D, EB1 de Dume

Uma grande escola!

Rui Miguel Rodrigues * Marta Fontes *

Perguntei à minha Avó – que frequentou a mesma escola que eu – como era a Escola do seu tempo. Juntei o seu depoimento ao meu e fiz este trabalho:

A Escola de ONTEM…

"Usávamos, para escrever, uma lousa e giz. Tínhamos uma pena que molhávamos num tinteiro com tinta azul e escrevíamos em cadernos, com um mata-borrão. Íamos para a escola descalços e à chuva: não havia pequeno-almoço!

Só havia uma professora para todos e que dava todas as disciplinas. Ela tinha uma régua e uma cana e batia-nos com ela quando não fazíamos os deveres… e se nos distraíamos nas aulas, lá vinha a canada ou a reguada!

Havia só uma empregada que fazia a limpeza de tudo…"

A Escola de HOJE…

Hoje, usamos cadernos, lápis e esferográficas para escrever.

Temos professores de várias disciplinas, muito simpáticos!

Há duas assistentes operacionais e funcionários para servir as refeições…

Fazemos visitas de estudo.

A minha Mãe contou-me que a Escola dela era igual à minha: escrevia em cadernos como os meus, com materiais também iguais. Os quadros eram só de giz, não eram como o da sala do meu irmão Simão, do 2º ano, que é interativo.

Não existia a biblioteca, o refeitório (os meninos tinham de ir comer a casa) nem o campo de futebol!

Esperem lá… ainda não contei que a sala da minha Mãe era exatamente a minha!

Eu contei à minha Mãe que, na minha Escola, existe tudo e mais alguma coisa. A minha sala tem um placard enorme com os nossos trabalhos. As casas de banho são de uma cor garrida que dá para distinguir a dos rapazes e a das rapariguinhas. O refeitório grande, às vezes um pouco barulhento, é bonito!

A biblioteca tem computadores, livros engraçados, tristes alegres…

Para mim, a Escola do futuro deveria ser assim: em vez de escrevermos em cadernos, escreveríamos em computadores; os TPC's seriam enviados por email…

Gostaria que houvesse muitas mas mesmo muitas festas, como a Festa do Pijama…

Isto não seria necessário: eu gosto da Escola como ela é!

* Alunos da turma D do 4ºano da EB1 de Dume

A minha escola...

A escola ensina a pintar, ensina a escrever e ensina a jogar. - Beatriz Malheiro, 4 anos

A escola é um lugar muito giro onde podemos brincar. - Rui, 5 anos

A escola é muito bonita, aprendemos muitas coisas. Aprendemos a fazer trabalhos, aprendemos a respeitar os outros, a ser amigos e não magoar. Esta escola é colorida como um arco-íris. - Carolina, 5 anos

Gosto de brincar, gosto de estar aqui porque divirto-me muito aqui a brincar. Brincar é muito fixe e faz-nos estar muito felizes. - João Batista, 5 anos

Adoro a escola, brinco com a Juliana, aprendemos a dar as mãos, a ser amigos, e a ser felizes. Eu sou muito feliz. - Leonor 5 anos

Eu gosto da minha escola porque ela é bonita. Gosto de brincar com os amigos, gosto de correr, gosto de saltar e jogar e rir. - Simão, 5 anos

Gosto de brincar às aventuras, gosto de baloiçar, gosto de ser amigo e plantar plantas lá atrás. Aprendemos a falar de palavras, poemas, histórias, canções. Gosto de brincar, ter amigos. Eu sinto-me aqui muito feliz com os meus amigos e com a professora Cristina e a Arminha, a Lola, e a Gabi e gosto de sentir o ar da natureza. - Matilde, 5 anos

A nossa escola é uma amiga para sempre! Porque tem-se muitos amigos. - Matilde, 5 anos

* Alunos do JI de Santa Lucrécia

A Minha escola

Gosto da escola porque:

É onde trabalhamos para aprender a escrever e a pintar coisas - Inês

A fazer desenhos - Santiago

Aprendemos a fazer ginástica, a dançar, a brincar e a fazer jogos - Santiago e Inês

Aprendo a brincar sem discussão, a respeitar os amigos e os adultos e a falar à vez - Pedro

Aprendemos abecedário, a partilhar e a estar atento - Daniel

Ouve-se e lê-se histórias. Trabalhamos projetos e investigamos - Santiago e Daniel

* Alunos do JI de Crespos

História:
«Desculpa… por acaso és uma bruxa?»

Era uma vez um gato preto, chamado Leonardo, que vivia muito triste porque não tinha amigos. Sempre que podia ia para a Biblioteca, para se aquecer e ler livros.

Um dia ao ler um livro, descobriu que as bruxas usam meias às riscas e chapéus pontiagudos, que viajam em vassouras, que cozinham as poções mágicas em caldeirões e… adoram gatos pretos. Resolveu então ir à procura de uma bruxa que o quisesse adotar. Começou por ver uma menina com meias às riscas que ao ver um gato preto teve medo e fugiu a "sete pés". De seguida viu um varredor de ruas que ao vê-lo desatou a rir. Por fim encontrou uma cozinheira com um caldeirão que, quando Leonardo lhe perguntou se era uma bruxa, lhe ia dando com a colher.

Triste e só voltou para a Biblioteca.

Um dia reparou que, atrás de uma estante, estavam seis bruxinhas entretidas a ler, estas, ao vê-lo, ficaram encantadas e todas o queriam. Mas, como ele era só um, resolveram levá-lo para um sítio em que podia ser de todos, para a escola.

Que feliz ficou!

* 4º ano da Escola EB1/JI Brácara Augusta

Reconto de “A lenda de Kianda” Angola

Era uma vez uma linda sereia chamada Kianda que vivia no fundo do mar, na mais bela e profunda gruta de corais.

Certo dia, Kianda avistou um pescador muito pobre e muito triste. Ela ficou com pena dele e mostrou-lhe e ofereceu-lhe um tesouro muito valioso. O pescador ficou muito rico, mas também muito egoísta e avarento. Kianda ao ver que ele não partilhava essa riqueza fez desaparecer o tesouro e, a partir dessa altura, todas as pessoas que invadissem aquele local seriam arrastadas para o fundo do mar.

Kianda jurou que nunca mais ajudaria qualquer homem e que enfeitiçaria todos para as profundezas do mar.

* 4º ano da Escola EB1/JI Brácara Augusta

Reconto de “A lenda de S. Jorge” Cabo Verde

Era uma vez um Rei que vivia muito feliz com a sua esposa, a sua filha e os seus súbditos num grandioso e imponente castelo.

Um dia, um Dragão que vinha da montanha apareceu à porta da cidade com vontade de comer as pessoas todas daquele reino. Apareceu o Rei que lhe disse que se não comesse as pessoas não lhe faltaria comida. O Dragão começou então a comer os animais e, comeu, comeu, comeu… até que a comida se esgotou. O Dragão propôs então comer as donzelas do reino, uma rapariga todos os dias. Como nenhuma família queria dar a sua filha, a princesa, filha do Rei, resolveu oferecer-se. No momento em que se ia entregar ao Dragão, apareceu, vindo do céu, um cavaleiro montado num belo cavalo branco que, com a sua espada, matou o Dragão e toda gente ficou feliz outra vez.

* 4º ano da Escola EB1/JI Brácara Augusta

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas.

Rubem Alves

Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do vôo.

Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o vôo.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Espólio do Museu Sá de Miranda

Traquinices na escola

Na nossa escola, há várias coisas que a tornam única: é um local onde a disciplina vive lado a lado com a indisciplina, um sítio onde os trabalhos são complexos e exigentes, os professores não param de escrever nem de falar durante noventa minutos, os deveres são exagerados, as aulas continuam inacabáveis e os testes parecem-nos demasiados difíceis. No entanto, não devemos apenas pensar que a escola é aborrecida, porque ela faz parte da nossa vida, contribui para o nosso futuro.

Por este motivo é que consideramos a escola como um lugar bom e feliz onde podemos descobrir amizades e as podemos conquistar, onde conseguimos brincar à nossa maneira, onde temos os recreios em que, apesar de serem pequenos, há sempre tempo para as euforias, para as traquinices que nos fazem rir e também conhecer novas pessoas. Nesta história, vamos contar várias peripécias que passamos e continuamos a viver na nossa escola e que fazem com que gostemos tanto dela.

Somos um grupo de alunos entre os onze e os catorze anos, temos muitos amigos e gostamos de apreciar o que se passa à nossa volta. Conhecemos certos colegas que estão sempre metidos em confusões, mas essas trapalhices só nos alertam para as situações que mais tarde possam vir a acontecer-nos.

Certo dia, ao fim de uma tarde cheia de trabalho, fomos para um lugar sossegado da escola onde estavam outros colegas da turma. Era o último tempo de aulas de um dia chuvoso que não nos permitia fazer qualquer atividade fora do coberto e, por isso, decidimos jogar ao "Tem a palavra". Este jogo consiste em rodar uma caneta ou um lápis e para onde o seu bico apontar é a pessoa que toma a palavra, ou seja, tem cerca de 3 minutos para falar sobre o tema indicado. Como estávamos em época carnavalesca, o assunto foi sugerido unanimemente: "As traquinices na escola" e cada um de nós recordou aventuras com as quais nos deparamos diariamente no nosso ambiente escolar. Sentamo-nos no chão formando um círculo, o lápis rodou e foram surgindo os relatos de cada um de nós.

- Após o almoço de um dia ensolarado de inverno, eu e um colega fomos dar uma volta pela escola e encontramos uma bola perdida entre as folhas de um pequeno canteiro. Olhamos para ela e pensamos em dar ali uns toques, mas, para não sermos mal interpretados e pensarem que a tínhamos roubado, decidimos pregar uma partida aos meninos que a procuravam. Apanhámos um pauzito aguçado e, premindo o buraquito da bola, esvaziamo-la. Escapamo-nos dali e ficamos a observar ao longe. Mal os rapazes descobriram o que procuravam, recomeçaram o jogo e, ao primeiro remate, a pobre bola pouco se deslocou, o que fez com que viesse outro jogador chutar com muito mais força. Tal pontapé fez a bola subir tanto que acabou presa num ramo de uma árvore bem alta e lá ficou, pois a falta de ar dentro dela não lhe permitiu descer pelos ramos despidos – contou o Sérgio.

Girou-se novamente o lápis e calhou à Carolina que logo começou a falar com um sorriso malicioso:

- Aproximava-se o dia do meu aniversário e eu não estava a ver como me escapar à terrível e parva brincadeira que alguns meninos teimam em fazer ao atirarem

farinha ao aniversariante. Tanto pensei que surgiu uma ideia tão estúpida como a da farinha. Preparei um saquinho com guloseimas apetitosas para dar aos colegas que se lembrassem do meu dia especial, mas daquela forma que eu não gosto: biscoitos com excesso de gengibre, bombons impregnados de pimenta e algumas gomas bem picantes. No dia seguinte, deixei que a farinha voasse na minha direção e, apesar de me ter vestido a rigor: gorro, cachecol e calças claras, não evitei que me transformasse num autêntico boneco de neve andante. Como "agradecimento", comecei a distribuir suculentos doces pelo grupo de amigos e, nem vos conto, enquanto eu tentava libertar-me da brancura da minha cara, as deles ficavam cada vez mais avermelhadas e já só os via a correr para a casa de banho e para o bar desesperados pela água que lhes aliviasse aquela angústia! Creio que não deverão lembrar-se de usar a farinha para saudar quem faz anos, a não ser que a coloquem num belo bolo para partilharem.

Todos rimos com a maneira que a Carolina arranjou para dar uma lição aos mais atrevidos, mas ainda nos espantamos mais com a audácia que a Mariana partilhou no que nos contou a seguir:

- Tal como em quase todas as turmas, na minha também há uns colegas sempre armados em espertinhos que estão constantemente a incomodar os professores e a perturbar a concentração

de quem quer aprender. Casualmente, em conversa com alguns amigos de outras turmas, lembramo-nos de pregar uma traquinice aos engraçadinhos. Depois de termos falado com os respetivos diretores de turma para os informar do que pretendíamos fazer, eles aprovaram de imediato e logo ali acertamos a aula onde iríamos pregar a partida. O dia combinado foi precisamente quando decorria uma prova em toda a escola para selecionar três alunos de cada turma para participarem numa viagem aos Açores onde poderiam nadar com golfinhos e praticar desportos radicais. A prova consistia em escutar atentamente uma reportagem sobre esse arquipélago e responder ao respetivo questionário. Ora, foi nessa altura que cada um de nós retirou das mochilas inúmeras gaiolas repletas de grilos que faziam uma barulheira ensurdecedora e impeditiva da referida reportagem ser ouvida. Os primeiros alunos a revoltarem-se foram, imaginem, os que raramente se calam nas aulas, mas que nesse dia estavam interessadíssimos em ganhar a viagem. Foi nesse momento que cada qual na sua turma revelou a origem do barulho, bem como a sua finalidade. É lógico que a prova teve que ser repetida algum tempo depois, mas só vos digo que as perturbações nas salas de aula diminuíram muito!

Seguiu-se o Tiago que ainda estava a pensar como arranjar alguns grilos para levar para a aula e fazer, quem sabe, outra traquinice, mas não demorou muito a contar-nos:

-Certo dia, eu e o meu grupo dos "Troca a Tecnologia pela Alegria" decidimos fazer uma malandrice aos colegas que não largam o telemóvel, o tablete ou o computador por uma qualquer atividade ao ar livre entre risadas e saudáveis cansaços. Combinamos um excecional torneio de futebol com a participação de todas as turmas da escola e no decorrer dos jogos, fomos às suas mochilas e substituímos os aparelhos eletrónicos por tabletes de chocolate. O desespero foi geral, ao sentirem-se longe dos seus inseparáveis aparelhos e ainda cresceu a aflição ao lerem o bilhete que acompanhava cada embrulhinho castanho: "Só te devolvemos o teu mecanismo eletrónico, depois de cumprires as tarefas seguintes …". Nesta lista constavam algumas atividades lúdicas e desportivas que demoravam uma semana a executar. O resultado foi excecional, uma vez que no decorrer daquele tempo, estes amigos experimentaram sensações que jamais conseguiriam com o telemóvel, viveram experiências a que nunca assistiram em nenhum computador e, o melhor de tudo, é que, quando receberam os seus telemóveis, deixaram de estar virtualmente ligados aos amigos e preferiram repetir muitas das provas realizadas naquela semana.

Calhou, de seguida, em sorte a vez de a Maria relatar uma das suas "aventuras":

- Esta já ocorreu o ano passado, mas lembro-me como se tivesse acontecido hoje, pois as suas consequências não foram nada agradáveis. Estava uma tarde linda de sol e eu e os meus colegas de turma resolvemos participar no jogo "Verdade ou consequência?". Quando chegou a minha vez, eu tive que escolher entre ir buscar gomas fora da escola, dar um beijo num rapaz ou dar um estalo numa amiga. Claro está que eu decidi ir comprar as ditas gomas, mas o problema estava em conseguir sair da escola sem que ninguém desse por ela. Depois de muito pensar, lembrei-me que havia uma abertura num canto da escola por onde conseguiria passar. Lá consegui trazer as gomas e senti-me vitoriosa por ter feito algo irreverente! Depois de as ter distribuído pelos colegas e de me preparar para me deliciar, também, com as melhores que tinha guardado para mim, surge (não sei de onde, nem como) o meu diretor de turma a perguntar de onde tinham vindo tantas e tão variadas gomas. Claro que tive que lhe revelar a verdade e não me livrei de ouvir um grande raspanete que parecia não ter fim. O que me desagradou ainda mais foi que, enquanto ouvia a advertência do diretor de turma, os meus colegas apoderaram-se das minhas gomas e, também essas, eles comeram sem se preocuparem com a minha situação! Fiquei um pouco desapontada com a atitude deles. No entanto, eles garantiram-me que tinha valido a pena, pois as gomas eram deliciosas.

A seguir à Mariana, a Maria João não teve pejo em contar o que lhe aconteceu na disciplina de Inglês:

- Certo dia, a minha professora de Inglês mandou, para trabalho de casa, fazer uma pesquisa sobre o Canadá ou Inglaterra. Como não me apetecia nada fazer sobre qualquer um destes países, decidi fazer sobre o meu maior ídolo, "Justin Biever", pois ele é canadiano e, portanto, não ia fugir muito ao tema. Quando entreguei o trabalho à professora, esta não gostou nada do meu atrevimento e marcou-me falta de TPC. Eu fiquei muito triste e não consegui evitar que algumas lágrimas escorressem pela cara abaixo. A professora ao ver-me assim, e ter constatado que, apesar de tudo, eu me tinha esforçado e investigado bastante, retirou a falta e consolou-me dizendo que iria tentar arranjar-me um bilhete para o seu próximo concerto em Portugal. Eu ainda continuo à espera!

Chegou a vez da Beatriz que, quando o lápis apontou para ela, não sabia qual das malandrices haveria de escolher. Optou pela menos comprometedora:

- No início do ano, quando começaram os primeiros testes chegou o dia de realizar o de História. Estando três meninos sentados ao fundo da sala (um repetente, um com aproveitamento razoável e outro excelente aluno), apercebi-me que o aluno com notas médias estava a copiar pelo melhor aluno. A professora também reparou que algo se passava lá atrás e, desconfiando que o aluno repetente estaria a copiar, advertiu-o. Apesar de este ter negado e eu ter saído em sua defesa, todos os restantes o julgaram culpado. Aquando da realização do teste seguinte, eu ganhei coragem e contei a esta professora o que se tinha passado com o teste de História. A professora esteve atenta e fez-se justiça! Apesar de não ter sido eu a cometer esta grande traquinice, envolvi-me para que as consequências não fossem graves, pois nem todas são inofensivas.

Quando chegou a vez do André, foi com ar de fanfarrão que iniciou o seu discurso…

- Foi numa aula de Física – começou ele – tínhamos estado a jogar basquetebol cá fora, o dia estava lindo e foi com relutância que nos dirigimos para o pavilhão quando o "stôr" nos mandou para o banho. Resolvemos dar uns toques finais até que a bola ficou presa num sítio muito alto, entre ferros, de onde nos foi impossível retirá-la … Perplexos… olhando-nos em silêncio … cada um ia pensando o que nos esperaria!!! Entretanto, surge o professor que nos pergunta se já tínhamos posto a bola no sítio…Um colega (cujo nome não vou revelar por razões óbvias…) disse pronta e descaradamente que sim e nós não tivemos coragem de o desmentir. Assim, com cara de "anjinhos" obedientes lá fomos para o banho.

O pior veio no dia seguinte quando a funcionária descobriu a bola lá no alto e fez queixa ao "stôr"!!! Ficou tão zangado que até nos quis pôr um processo disciplinar. Valeu-nos a diretora de turma que intercedeu por nós dizendo que não tínhamos agido por maldade. Livrámo-nos de boa!

A Sofia estava ansiosa por "meter" a colherada…como a aluna mais ajuizada dos arredores e também uma ótima aluna, teve uma intervenção muito madura.

- Eu não vou contar nenhuma traquinice, porque não entro nesses "esquemas"…A minha irmã disse-me que dantes a escola era muito mais calma e não havia brincadeiras estúpidas…Eu gostaria que agora fosse assim. Se eu mandasse, diminuía as horas letivas de alunos e professores para que pudessem organizar atividades extracurriculares interessantes; seria muito bom podermos ter um clube de leitura, teatro, uma banda…enfim… tenho a certeza que não teríamos tantas traquinices para contar…

O discurso da Sofia pareceu um "banho" de água fria no tom entusiasmado que a "tertúlia" foi gradualmente adquirindo… cada um de nós ficou com certeza a refletir sobre o assunto. Acreditamos que cada qual pode fazer de uma escola um bom lugar para se aprender, divertir e crescer.

Trabalho elaborado na disciplina de Português pelos alunos do 6ºano, Escola E.B. 2.3 de Palmeira

Uma aventura na escola

Alunos do 8º C *

Aventura I

A minha aventura na escola começou logo no primeiro dia, na escola primária, quando a minha mãe se despediu de mim com um beijo na testa e largou a minha mãozita pequena.

O espaço era novo para mim, bem diferente da creche e do jardim de infância… menos acolhedor, com menos bonecos, menos cor, mas mais amplo, mais claro, com mais mesas, e eu com mais sentido de responsabilidade… Era isso, mais responsabilidade! Senti que tinha "crescido"!

Olho para trás e vejo que, com seis aninhos apenas, me dava conta de que começava uma nova etapa da minha vida.

Começava a minha aventura na escola, entre novos professores, auxiliares, novos amigos, começava também a descoberta dos círculos e dos tracinhos que passavam a letras e algarismos, de palavras e de números que se transformavam em composições e grandes cálculos de somar e subtrair.

Os anos foram passando e, com eles, outros professores, outros amigos, mais conhecimento, mais alegrias, algumas tristezas, perda de amigos… Sinto que tudo isto me faz "crescer"… Sou feliz!

Começo a entender a minha mãe, quando afirma que os melhores anos da nossa vida são aqueles em que andamos na escola:

"Vais ter tantas saudades desses tempos!"- diz ela, com sabedoria.

Deixem-me viver esta aventura!

* Ana Maria Sá

Aventura II

Estávamos num dia normal, numa semana normal, numa aula como outra qualquer.

Até que olho para o relógio e reparo que faltam apenas alguns segundos para o toque das 13h15.

Rapidamente faço sinal aos meus colegas para arrumarem tudo e se prepararem para aquela que seria a maior aventura do dia.

Depois de tudo arrumado e de muitos pedidos para sair mais cedo negados pelo professor, toca!!!

A turma sai toda disparada, arrastando cadeiras, desalinhando mesas, com casacos mal vestidos e mochilas trapalhonas.

Era hora de almoço e toda a escola queria o mesmo, atropelando-se nas escadas, levando a rasto colegas e amigos com os seus sprints...

Ao entrar na cantina, uma chuva doida de mochilas atiradas pelos seus donos para os cacifos junto à papelaria derruba dois ou três alunos. De seguida, a rápida tomada de posição na fila faz com que alguém acabe por ir contra a parede fria

do bloco. Tudo isto numa questão de alguns segundos, já que o funcionário acaba por fechar a porta do refeitório, deixando grande parte dos alunos do lado de fora, obrigando-os a esperar até que a sua turma seja chamada.

Esta é, de certeza, a maior aventura do dia! Tudo isto para tentarmos não ficar retidos numa fila de dezenas e dezenas de alunos e para não perdermos o nosso precioso e escasso tempo livre que tentamos aproveitar para dar um simples passeio ou organizar até um rápido jogo de futebol.

Esta aventura sobre a qual acabo de falar acontece diariamente, de segunda a sexta-feira, e é, sem dúvida, a maior aventura na escola!

* Simão Mateus

Aventura III

Era mais uma sexta-feira, e, como em todas as sextas-feiras, não tinha aulas de manhã, por isso aproveitei para dormir mais uma hora do que o habitual. Acordei, ligeiramente ensonado, e fui fazer os trabalhos de casa. Enquanto os fazia, confrontei-me com um exercício fora do comum - era um pequeno texto, com um tema, no mínimo, desafiante: Uma aventura na escola.

Que bela maneira de começar o dia… esboçar criatividade após o sono! E que podia fazer eu? Digamos que essas aventuras não acontecem tão casualmente e, quando acontecem, não são assim tão extraordinárias, apenas engraçadas. Dito isto, decidi inventar…

Era uma vez um rapazito bem magrinho e baixo cujas pernas e braços se assemelhavam a palitos. Chamava-se Manuel.

Esse mesmo rapaz, depois de um dia de aulas cansativo, acabou por se esquecer da sua mochila na sala de aula e, na tentativa de a recuperar, uma vez que a escola já tinha fechado, decidiu entrar (muito inconscientemente) no edifício por uma abertura nas grades.

Entrou, foi buscar a sua mochila e, quando queria ir embora, lembrou-se de que essa abertura só dava para entrar e não para sair. Manuel, aborrecido com a situação, tentou aproveitar-se dela e realizar um sonho antigo: fazer os maiores disparates que aquela escola já tinha visto!

Esvaziou a comida do bar, colocou as mesas das salas umas por cima das outras, espalhou lixívia por toda a parte, retirou o papel higiénico das casas de banho, e outra infinidade de coisas. No dia seguinte, a escola inteira ficou boquiaberta com tudo isto e Manuel (embora sabendo ter tido uma má atitude) guardou a história para si e ficou com ela para contar aos filhos e netos.

A história poderá não ser extraordinária, nem mesmo engraçada, mas o certo é que aquele rapazito magrinho e baixinho se sentiu, naquele dia, um herói, capaz das mais incríveis façanhas que julgava apenas ao alcance de alguns dos seus amigos…

* Tiago

Aventura IV

A escola é uma aventura,
Para quem quer aprender.
Já os preguiçosos
Não querem saber!

Na minha escola há alguém
Sempre pronto a ajudar,
Mas que diz " Faz tu também!",
"Não fiques só a olhar!".

A escola é fantasia,
Com novos mundos a descobrir.
É como se fosse magia…
Vamo-nos, então, divertir!

Na minha escola,
Vou crescer.
Com os amigos,
A aprender!

* Joana e Mariana

As origens dos problemas dos adolescentes

Natália Azevedo, Catarina Vieira, Luís Martins, Beatriz Costa e Ângela Martins

Na maioria das vezes, são enunciados os vários problemas que são ultrapassados na adolescência, porém, raramente se evidencia a (ou as) origens dos mesmos. Por essa razão, neste pequeno texto, vamos pronunciar-nos sobre esse assunto que tanto preocupa pais como filhos.

A primeira causa, e a mais frequente é a pressão, tanto por parte dos pais, como dos colegas. Relativamente ao seio familiar, a pressão é exercida sobretudo em relação às notas. Muitos pais criam expectativas demasiado elevadas para os filhos, e quando estes não estão à altura de as alcançar (superar), repreendem-nos, chegando mesmo a castigá-los, retirando-lhes as saídas aos fins de semana, a internet ou o telemóvel.

A segunda causa é a questão da auto estima. Por norma, na adolescência o jovem sente-se inseguro, tem necessidade de afirmação e nem sempre a imagem que tem de si próprio o ajuda a conquistar o seu lugar no grupo. Sendo assim, se os resultados escolares reforçarem a imagem negativa que o jovem tem de si, será muito difícil inverter a situação.

Contudo, existem jovens que estabelecem para si metas ambiciosas e que exigem sacrifícios assinaláveis, alguns conseguem atingir o objetivo em questão, outros, porém, não.

Nem todos temos as mesmas capacidades por isso é conveniente algum auto conhecimento (e ajuda especializada) para percebermos se o objetivo que traçamos não está para além das nossas possibilidades. Se assim não for arriscamo-nos a falhar e a somar insucesso e frustração.

Muitos jovens acabam por sentir algum conforto quando conversam com os colegas que estão na mesma situação, ou uma idêntica.

Portanto, na nossa opinião, é importante examinar as razões que levam à ocorrência de problemas durante a adolescência. Além disso, devem ser conhecidos e entendidos pelos pais/familiares e amigos sinais que antecedem este estado de "depressão". Desta maneira, evitar-se-ão problemas do foro psicológico nos adolescentes, melhorando, por isso, a sua qualidade de vida e o seu desempenho escolar, assim como as suas relações interpessoais.

A ESCOLA DO FUTURO

Obra da arquiteta iraquiana Zaha Hadid, falecida em março passado.

Escola do passado... do presente... do futuro!

Escola do passado…
Seria boa?!
Como aprenderiam?!
O objetivo era este:
Ler, escrever e contar…
As condições de trabalho que tinham…

De que tipo eram as brincadeiras?
Os materiais de estudo…adequados?

Porque aprendiam de uma maneira mais bruta?
A segurança… era boa?
Será que os horários eram bem definidos?
Sermões – nem pergunto! – porquê?!
As auxiliares eram simpáticas?
Dentro da sala, havia brigas?
Os espaços…eram amplos ou não?

Dormir pouco era claro: era preciso ajudar!
O que seria andar numa escola dessas?!

Presente, hoje.
Recursos são bons, aliás, excelentes!!!
E os auxiliares são simpáticos e alegres!...
Simplesmente… gosto deles!
E é claro que, em termos de higiene,
Não se compara ao que havia, antigamente!
Tem um recreio enorme, tem campo, cantina e terra…
É por isso que eu adoro a minha Escola!

E como será a Escola do FUTURO?

Deve ser mais esquisita.
O que me vai no pensamento é o que eu vou escrever:

Futuro faz-me lembrar que… para ir à Lua só serão precisos dez euros…
Um toque para o intervalo todo mecânico, tipo música de elevador…
Teria professores e robôs a flutuar em ondas magnéticas…
Um recreio virtual, talvez, quem sabe?!
Relembrei-me agora mesmo: as aulas seriam sobre… sobre quê? Não sei…
Ora bem, são Escolas diferentes! Tenta lá adivinhar: qual é a MELHOR?!

Bruno Filipe Gomes, 4º Ano D, EB1 de Dume

A minha escola Hoje… e Amanhã!

Luís Miguel Azevedo Martins

Na Escola de HOJE, os professores dão as aulas com a ajuda dos manuais, do quadro preto e do computador.

Às vezes fazemos experiências e utilizamos diferentes materiais; outras vezes, a nossa professora ensina-nos a amar a Natureza, plantando árvores no jardim ou semeando pequeninas sementes nos canteiros.

Em épocas especiais – como no dia de carnaval ou na quadra natalícia- desfilamos e cantamos pelas ruas fora, numa forma de manter vivas as tradições culturais do nosso povo.

Mas… a Escola do FUTURO será muito diferente!

Os professores vão ser substituídos por robôs, as mesas e as cadeiras vão ser virtuais!

Haverá criptogramas: a um toque, ele aparecerá e nós poderemos desenhar, escrever, calcular. Tudo será muito simples!

Quando chegar a hora do recreio, uma luz colorida aparecerá numa parede da sala e nós correremos para um espaço onde haverá crianças e robôs falantes para brincar.

Na hora do almoço, um robô trará a refeição de cada um e perguntará se queremos comer mais.

Terminada a escola, os nossos pais irão buscar-nos num carro voador e nós iremos, felizes, para a nossa casa.

Lá, teremos de fazer os TPC's sem cadernos mas com iPads – tão pouco visíveis aos nossos olhos – que aparecerão com o toque dos nossos dedos…

A escola do futuro

Tiago Antunes

Eu gostaria que a Escola dos meus descendentes fosse muito diferente da minha!

A Escola poderia ter três aulas por semana ao ar livre…mas só quando houvesse boas condições meteorológicas! Podia ter materiais interativos para estudo, como computadores para cada aluno. Ligados a quadros interativos, cada aluno teria uma cápsula só para si.

As escolas estariam ligadas umas às outras para interagirem: os alunos estariam ligados a outros desconhecidos, do mesmo país ou não. Por exemplo, uma escola de Portugal iria interagir com uma de Itália; uma de França com uma da Alemanha; uma de Espanha com uma da Suíça. Assim, lidariam com várias culturas de diferentes países e aprenderiam mais!

A Escola deveria apostar mais nas visitas a locais históricos do país ou do ensino. Os trabalhos de casa seriam entregues numa pen e, assim, os meninos não se queixariam das mochilas pesadas porque os computadores substituiriam os livros e a pen os cadernos de casa.

Os toques seriam músicas da atualidade e os alunos deveriam fazer visitas de estudo regulares às escolas dos ciclos seguintes…

Estou a imaginar a escola do futuro…
Sou da escola do presente!
Como será a do futuro?
Os professores serão amigos?
Lá haverá livros?
A minha curiosidade está a crescer…

Dão tabletes e computadores.
Os computadores e tabletes novinhos em folha!

Futuro será tecnológico!
Utilizaremos os computadores e os tabletes para pesquisar.
Traremos os telemóveis para a sala de aula,
Usaremos os tabletes, os professores deixam!
Reutilizaremos os computadores antigos,
Os quadros interativos também!

* André Rodrigo – 4º ano, EB1 do Coucinheiro

A escola é um local onde os alunos aprendem novos conteúdos, ler e escrever corretamente, desenvolver o cálculo mental, resolver situações problemáticas e muitos outros "assuntos" importantes para o futuro. A escola também nos ajuda a adquirir regras de cidadania, como saber estar e conviver com outras pessoas. A escola é essencial para a sociedade!

Nos nossos dias, os estabelecimentos de ensino estão mais modernos do que estavam no passado. Os equipamentos mudaram. Hoje existem computadores, internet e diversos recursos educativos de Matemática, Português e Estudo do Meio. Hoje os professores estão mais próximos dos alunos e das famílias.

Mas achamos que no futuro as escolas serão diferentes. Pensamos que as maiores diferenças serão nas tecnologias de informação e comunicação. Os alunos deverão ter computadores individuais ou "tablets", ligados a quadros interativos. A comunicação entre as escolas será facilitada através de progrmas como o "skype".

Os livros deixarão de existir em papel e passarão a ser digitais e interativos com os alunos, o que facilitará a prendizagem.

Achamos que a escola do futuro será mais tecnológica e terá mais recursos, mas sempre com a ajuda e orientação dos professores, pois os nossos professores são insubstituíveis!

* A turma 3+4 da EB1 de Pousada

A escola do Futuro

Laura Fernandes *

A Sara perguntou à sua avó como era a escola da Presa no seu tempo. Após ter ouvido a avó, a Sara começou a imaginar a escola no tempo dos seus netos.

Pensou em toda a tecnologia que conhecia e começou a escrever…

De manhã o seu neto sairia de casa apenas com o seu computador e entraria num autocarro com condução autónoma. Chegados à escola os meninos eram recebidos por um robot que lhes dava "Bom dia" e lhes contava as últimas notícias e o que iriam fazer nesse dia.

Já na sala de aula, os alunos pegariam no seu tablet e, acedendo à internet, começariam a fazer as suas pesquisas nos sites educativos e aprenderiam a matéria através de jogos interativos.

Ao final do dia, os alunos iriam expor as suas dúvidas ao professor, de forma virtual, que se encontrava numa sala de conferências. Para isso, os meninos precisariam de aceder ao Skype e ligar a webcam para que a comunicação fosse estabelecida.

Para regressar a casa, imaginava o seu neto a pegar no telemóvel e ligar à mãe para o vir buscar.

A Sara ficou a refletir sobre este assunto e concluiu que o avanço da tecnologia iria permitir a evolução, de tal forma que a escola do futuro seria realmente muito diferente daquela que existe atualmente!

* Escola de Presa

Como gostarias que fosse a tua escola do futuro?

Nós, os alunos do terceiro ano das Escola de Ortigueira, gostaríamos que a escola do futuro fosse um pouco diferente da atual e também que essa escola não demorasse muito tempo a chegar.

Seria bom que chegasse enquanto nós cá andamos.

Em primeiro lugar, o nosso maior desejo era substituir o velho quadro de giz, que suja a sala toda, espalhando pó por todos os cantos, materiais e roupas, prejudicando a nossa saúde e dificultando o trabalho das auxiliares.

Cada sala deveria ter quadros interativos, um computador individual já incorporado em cada mesa, com ligação à internet, para cada um de nós trabalhar, pesquisar e acompanhar as aulas sem necessidade de nos deslocarmos.

Cada escola deveria ter vários espaços diferentes, onde todos nós pudéssemos dar asas à nossa imaginação e desenvolvendo-nos outras capacidades e as nossas próprias aptidões naturais: salas de música, salas de expressões, salas de teatro, de jogos educativos, etc…

Todos estes espaços seriam convenientemente equipados, com todos os tipos de materiais e com professores especializados para nos acompanharem nesses momentos.

Técnicos especializados acompanhar-nos-iam e seríamos encaminhados para aquilo de que mais gostamos, que temos mais jeito e nos torna mais felizes.

O espaço exterior deveria estar preparado com toda a segurança, para que nenhum de nós se magoasse como acontece atualmente. Um espaço coberto, onde todos os desportos fossem comtemplados com todo o material necessário à sua prática, seria o ideal.

Seria também conveniente um espaço infantil muito bem apetrechado para os alunos mais novos.

Esta seria a nossa escola de sonho!

Esperemos que chegue rápido, se não for para nós que chegue para os nossos filhos!

* Escola da Ortigueira, 3º ano

A escola do Futuro

Era uma vez uma cidade chamada Futuro que existia num tempo muito distante.

Futuro era uma cidade muito sofisticada. Todas as construções estavam planadas no ar, incluindo as escolas.

No Futuro existiam escolas para todas as idades.

Quando chegavam à escola, os alunos eram recebidos por um alegre e simpático robô.

Os pertences de cada aluno eram guardados num cacifo, com acesso por fotografia.

Nas salas de aula reinava a tecnologia! As mesas eram tablets gigantes onde se podiam ler livros, fazer contas, fazer pesquisas, entre outras coisas. À entrada da biblioteca também existia um ecrã para as pessoas pesquisarem o sítio onde se encontrava o livro que pretendiam.

No refeitório, as refeições saudáveis eram servidas por robôs, os quais também estavam encarregues da limpeza, arrumação e arranjos, não só do refeitório como de toda a escola.

Nas escolas desta cidade não existiam crianças com dificuldades porque as escolas tinham todos os apoios necessários.

No recreio podiam ver-de meninos a andar em skates voadores e meninas a brincar com os seus cães robôs.

Nas atividades extracurriculares os alunos aprendiam a pilotar através de capacetes e óculos virtuais.

Quando acabava a escola, os alunos regressavam a casa em autocarros voadores ou em automóveis sem condutor, com placas luminosas com o nome do aluno que iam buscar.

E eram assim as escolas desta cidade, chamada Futuro.

Bracara Augusta. Texto coletivo do 3º ano

Projeto VideoM@T

Equipa do Projeto VideoM@T *

Vivemos numa sociedade apelidada de sociedade da informação que se caracteriza pela massificação do uso das tecnologias da informação e da comunicação e centra-se em aspetos conceptuais incluindo a reflexão sobre o conhecimento e a comunicação. Esta nova racionalidade leva-nos a repensar as práticas pedagógicas implementadas na escola, já que ela não está a incorporar novas ferramentas e didáticas mais congruentes com a geração dos nativos digitais.

Na procura de soluções que potenciem o sucesso académico na disciplina de Matemática, a Biblioteca Escolar de Palmeira (BE), com o apoio da direção, docentes de Matemática, de Educação Visual e da equipa de pesquisa JuxtaLearn Portuguesa da Universidade do Minho, gizou o projeto "VideoM@T".

O projeto VideoM@T visa estimular a curiosidade dos alunos em ciência e tecnologia através de produção de vídeos criativos. A edição, partilha e envolvimento dos alunos em torno da produção de vídeos que exploram conteúdos curriculares da disciplina de Matemática, potencia a inspiração criativa, o desenvolvimento do conhecimento conceptual e compreensivo.

A BE, enquanto estrutura nuclear na escola, dotada de recursos, serviços e tecnologias, capazes de contribuir para o enriquecimento do currículo e das práticas docentes assume um papel na operacionalização, liderança e coordenação dos intervenientes.

O VideoM@T integra a criação de um Clube designado por VideoM@T e a realização de uma ação de formação para docentes - Atividades reflexivas sobre conceitos complexos nas áreas CTEM (Ciências, Tecnologias, Engenharia e Matemática) através da edição de vídeos. Com o projeto pretende-se desenvolver competências das áreas CTEM nos alunos, através de um trabalho de coadjuvação entre docentes de Educação Visual e de Matemática a ser implementado na BE.

O projeto VideoM@T tem como objetivos:

1. Criar espaços de enriquecimento curricular e trabalho colaborativo;

2. Implementar alternativas metodológicas em que o aluno constrói seu próprio conhecimento através da ação;

3. Desenvolver literacia Matemática, das artes, de informação, tecnológicas e digitais, integradas no currículo do 9.º ano.

A. Relativamente à concretização do Objetivo 1 - Criar espaços de enriquecimento curricular e trabalho colaborativo – as ações a desenvolver são as seguintes:

• Criação do Clube "VideoM@T" para:

(1) complementar o processo de ensino e de aprendizagem na área da Matemática;

(2) incentivar o desenvolvimento intelectual dos alunos promovendo a construção de conteúdos digitais para o ensino e aprendizagem de conceitos matemáticos;

(3) criar um espaço de interação entre os docentes envolvidos;

(4) desenvolver competências no domínio científico da Matemática e competências digitais nos alunos.

Nota: Será afetada a componente não letiva do horário, em tempo comum, dos docentes de Educação Visual e Matemática.

• Afetação de um tempo semanal intitulado "Aprender + Matemática" para o desenvolvimento do projeto, em conformidade com os objetivos e conteúdos do projeto "VideoM@T".

Os impactos esperados são:

(1) Maior envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem e aumentar o gosto por aprender em áreas onde habitualmente há menor sucesso escolar;

(2) Melhorar os resultados escolares dos alunos na disciplina de Matemática;

(3) Valorizar a biblioteca escolar ao assumir-se como lugar de conhecimento e inovação;

(4) Incorporar novas práticas pedagógicas através da concretização do VídeoM@t.

B. No que concerne ao objetivo 2 - Implementar alternativas metodológicas em que o aluno constrói seu próprio conhecimento através da ação - as ações a desenvolver são as seguintes:

• Adoção do método de trabalho baseado na metodologia JuxtaLearn - O projeto JuxtaLearn visa estimular a curiosidade dos alunos em ciência e tecnologia através da edição criativa de vídeos. Pretende-se também pesquisar, desenvolver e avaliar um quadro pedagógico e tecnológico que envolva os alunos em atividades reflexivas pessoais e promova a curiosidade na ciência e na tecnologia;

• Formação dos docentes: (1) ação de formação a desenvolver pelo Centro de Formação da Universidade do Minho, intitulada – Atividades reflexivas sobre conceitos complexos nas áreas CTEM (Ciências, Tecnologias, Engenharia e Matemática) através da edição de vídeos. (25h e acreditada pelo Conselho Científico de Formação Contínua de Professores);

• Formação dos alunos: desenvolvimento de competências nos alunos através de ferramentas informáticas, realizada de forma articulada entre a equipa da BE e os professores de Matemática e de Educação Visual. A referida formação tem como objetivo dotar os alunos de competências para o desenho e a conceção de conteúdos digitais.

Os impactos esperados são:

(1) Desenvolver nos alunos competências de literacia da informação e competências tecnológicas e digitais, sobretudo na área da criação de vídeos educativos;

(2) Desenvolvimento do gosto estético;

(3) Potenciar a leitura em diferentes suportes, na procura de informação, na compreensão e na curiosidade de saber;

(4) Potenciar a autoestima e a autoaprendizagem.

C. Analogamente à concretização do Objetivo 3 - Desenvolver literacia Matemática, das artes, de informação, tecnológicas e digitais, integradas no currículo do 9.º ano – as ações a desenvolver são as seguintes:

• Conceção de storyboards;

• Edição de vídeo com recurso a ferramentas digitais;

• Criação de um site para servir de repositório dos conteúdos digitais construídos no âmbito do projeto.

Os impactos esperados são:

(1) Dotar os alunos de capacidades e conhecimentos relacionados com os objetivos do projeto;

(2) Melhorar os resultados escolares na disciplina de Matemática.

Face aos resultados alcançados os professores envolvidos consideram que o projeto potenciou a melhoria das práticas e que resultou no estabelecimento de compromissos em torno das atividades que pelo seu carater e essência potenciam o envolvimento e a motivação dos alunos.

A produção de vídeos criativos sobre conceitos complexos de Matemática constituem um recurso inovador que perspetiva uma nova forma de ensino e de aprendizagem mais consentânea com a era digital.

* Manuela Costa, Maria José Adão, Paula Teixeira, Sara Cruz e Paulo Reis